

ALFARRÁBIOS

2016 © ssquerdosautorais

Fanzine

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias
responsável: Paulo de Carvalho

Contato

55 21 99556-1007

armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com

Utopia
Brasil

Ana Machado



Coordenadora dos Saraus temáticos da Biblioteca Parque de Niterói (SMC/FAN), também idealizadora do Sarau Poesia de Asas Abertas nas Escola de Samba Portela. Executa mesas e iniciativas em diferentes ordenações e projetos nos debates que envolvem cultura, sociedade e educação, está a frente na instituição nas pautas que envolvem valorização e ocupação do movimento negro, igualdade racial, causas lgbtis, cidade e formação de movimentos de identidade, também produtora e articuladora cultural, auxiliar de acervo, assistente de pesquisa e estudante de história.



O Corvo Pardo

Entranhe e veja o que consegue descobrir...
Estique a língua pela ferida, sugue o sangue
E o que restar diluído de mim;
Estique os nervos por toda pele
Lambendo minhas tripas.

Corte-me por sinceridade, argamassa-me entre os ladrilhos
De escorregar fino, contagie teu morto;
Fale-me dos malditos corvos tagarelas pela morte;
Capazes de voar, avistando a opção de quem resta o saltar.

Cerca-me de pó branco enfiando a roupa que couber
Por pudor da homenagem, em volta o círculo curioso
Que só se desfaz se levanto...

Segura o que vaza deste corpo trêmulo
Teus demônios digeridos pelos ouvidos
Vivos a mente.

Segura teus negros feiticeiros
Incriados pelo valor da tua voz arrogante
Segura o sangue, segure o pastoso musgo de tua magia
Segure crânio ao afago de teus pequeninos e amargos seios
Esconderijo de seu coração doente.

ALFARRÁBIOS XI

Denomine por nomes indecifráveis todos os mortos
Dancem pelo pernoite a mais um se juntar
Levante a todos com seus esconjuros de mundos
Saúdem a loucura tomada em xícaras como vidas

Senhores da mente
Em um eterno festejo de sussurros
Quanta graça em feitiço
Quanta ironia ao sorrir
Por tomarem a alma de um apaixonado.



Eu-barco

Quando sozinho percebia as miudezas do mundo, junto atinava
um estre caminho num azul profundo;

E eu era do avesso que refletia na bebida distorcida, por fim di-
luída, a ponta da caneta era escrita, dobrava-me e cabia em uma
garrafa;

Estava eu parte das miudezas...

Pequenas também são as íris de seus olhos, mesmo que venha
grandiosa é o que percebo.

Por mais que me estique aos céus imensos faço parte das estrelas
no chão, um pequeno brilho fixo na sua retina;

Que despenca junto ao sentimento e a torna água, somos mares, tempestades, vulcões... E ainda não sai de teus olhos.

Prenderam-me em uma gaiola de rotinas, mas fechei minha mente, escura, e ali caminhei longe das grades;

Existia algo que ia lhe buscar, leve, existia uma imensidão negra-me, no fim não havia abismos ou céus, paredes ou morros, não existia o impeditivo de ir.

Então como um bilheteinho preenchido de detalhes, eu corri, saltei e abandonei tudo isto.



O Convidado

Doma-me assim pelos gestos e gemidos, sussurra-me então meu veredito... Qualquer coisa em favorito.

Doutrina de calar, junto se deitar acreditando no infinito e digo do amanhecer este é o azul que tanto cito, a cor em moldes que se quebra derrubando anjos, criando rezas, deixando-me em rédeas.

Meus versos fingidos fogem ao longe e apenas o que vivo me fazem “homem”, por acreditar no amor e em planos falidos.

Arrepio a qualquer sopro ou bordão fomentados nas palavras ou no silêncio que de algum modo se mantém vivos em meu coração, fechando-me em largos passos, rasos, cansados do errar.

ALFARRÁBIOS XI

Por voltas e meia, seguro, lhe estendo a mão, em convites, resgates,
dependendo das voltas a mais sinto que percebes o meu sorriso.

Um acreditar barato, covarde, que recinto em cartas de um opaco
cansado e aflito, que sejas tua...

Permita-me e serei por querer sem querer eterno anfitrião de teus
sonhos.



Funcionária pública, escritora. Teve um conto selecionado para a Antologia Novas Contistas da Literatura Brasileira, da Editora Zouk em parceria com a Casa da Mãe Joana.

É autora do blog cultural: www.mardevariedade.com



A cidade do amor

Monique suspirou e até afundou na cadeira. Terminou de comer a pipoca e tomar a coca-cola. Então, apareceram os créditos.

Adorava assistir a comédias românticas, embora não se considerasse assim tão romântica. Sua preferência era pelo Cinema Icarai, construído em estilo “art déco”. Além de confortável, o cinema era a duas quadras de sua casa.

Costumava ir a esse cinema ao menos uma vez por semana.

Naquela noite, sua amiga Elenir não pôde lhe fazer companhia, o que não a impediu de ir. Conhecia muitas das pessoas que frequentavam aquele cinema. Alguns eram amigos da época do Colégio Abel, outros da época da UFF (Universidade Federal Fluminense).

Saiu da sala de cinema com os olhos marejados.

- Monique, aconteceu alguma coisa?

- Oi, Léo. Não, está tudo bem. Eu é que sou boba e fiquei emocionada com o final do filme.

ALFARRÁBIOS XI

- Já vai embora? Vou assistir à próxima sessão e estou sem companhia. Você não quer ficar?

- Que filme vai passar? É bom?

- Eu, Robô. De ficção científica. Achei que minha companhia fosse mais importante que o filme. – brincou Léo.

- Claro. Vamos assistir, embora não seja meu estilo favorito de filme.

- Vou comprar os ingressos.

- Tem visto o pessoal da nossa turma, Léo?

- Do Abel ou da UFF? – E deu um sorriso.

- Da UFF.

- Estou todos os dias com o Antônio, pois estamos trabalhando no escritório de advocacia do Dr. Eduardo.

- Que máximo!

- E você? Tem encontrado com a galera?

- Vez em quando encontro com a Cláudia e com a Mariney. Onde fica o escritório do Dr. Eduardo?

- Na Av. Amaral Peixoto.

- Está sabendo que eu abri meu próprio escritório de advocacia em sociedade com a Rose?

- Alguém já tinha comentado comigo. Na Rua da Conceição, né?

- Isso mesmo.

- Somos praticamente vizinhos de escritório.

- Verdade.

- Tenho uma novidade pra te contar.

- O quê? Conta logo.

- Você sempre foi curiosa, Monique. – e deu uma risada.

- Ah Léo.

- É que eu e Eloisa terminamos o noivado.

- Como você tá?

- Agora está tudo bem. Já tem um tempinho. Conversamos e chegamos à conclusão de que viramos amigos. Foram muitos anos de convivência. O amor se transformou em amizade.

- Então foi de comum acordo, né?

- Foi sim. Estamos bem. Me fala de você. Ainda está namorando o André?

- Ah não. Já terminamos um tempão.

- Algum caso?

- Não. Tô solteira.

- Vou comprar pipoca pra gente.

Após o cinema, Léo perguntou se Monique estava com pressa e se poderiam estender o programa. Monique concordou.

- Como você assistiu a um filme de ficção científica pra me agradar, agora é minha vez de te levar pra fazer alguma coisa que você goste.

- Posso escolher?

- Não. – Léo deu uma risada.

- Que graça tem isso?

- A graça é que é surpresa.

- Então tá, né? Vou ter que confiar.

- Você vai adorar.

Léo abriu a porta de seu carro para Monique e ele dirigiu até a surpresa, em Charitas.

- Pronto. Chegamos na surpresa.

- Ah o “podrão” do Seu Luiz. Lembra quando a gente estu-

dava no Abel e ficava contando as moedas pra comprar o “podrão”?

- Claro. Por isso te trouxe aqui: para lembrarmos os velhos tempos, com a diferença de que agora não precisamos contar moedas.

- Amei a surpresa!

- Seu Luiz, capricha no cachorro-quente que essa menina está faminta.

- Seu Luiz, quem tá faminto é ele. – e deu um sorriso.

Os dois ficaram ali por um tempo, comendo cachorro-quente, conversando, dando risada e olhando a lua. Era noite de lua cheia, então a lua estava luminosa e emitia seus raios na água do mar.

- Monique, vamos dar uma caminhada na areia?

- Vou tirar a sandália.

Os dois tiraram seus calçados e foram andar na areia, iluminada pelos raios da lua cheia.

- Monique, você sabia que eu gostava de você na época do colégio Abel?

- Nossa! Faz tanto tempo. Você gostava de mim e de todas as meninas da sala, né? – e deu um sorriso.

- Ah não é verdade. Eu gostava só de você.

- Sei...

Léo se aproximou de Monique e lhe deu um beijo apaixonado.

- Monique! Monique! Acorda! – gritou sua mãe.

- O quê? – Monique vira para o lado.

- Acorda, Monique. Você não ouviu o despertador.

Monique desperta, sem saber direito o que era sonho e o que era realidade.

ALFARRÁBIOS XI

- Mãe, eu fui no cinema ontem à noite?

- Foi sim, com sua amiga Inês. Não está se lembrando?

Monique sentou na cama e começou a se lembrar de tudo que tinha acontecido na noite anterior.

Havia saído com Inês para assistirem a um filme no cinema Icaraí e depois foram tomar um chope em São Francisco.

Ela tinha ficado sabendo por Inês que Léo iria se casar no mês seguinte com Eloisa, com quem ele namorava desde a época do Colégio Abel.

Lembrou-se de parte do sonho com Léo e do beijo apaixonado.

- Nossa! O sonho parecia tão real! – pensou Monique.

- Filha, temos que confirmar nossa presença no casamento do Léo e da Eloisa.



Andreia Maraglia

Psicóloga, especialista em psicologia clínica,
amante da vida.



Descobrimentos

O período da história entre o século XV e o início do século XVII constitui-se como a era dos descobrimentos. Os exploradores, motivados pela oportunidade de novas perspectivas de comércio, saíam em busca de terras para conquistar. Creio que estes navegantes, ávidos por universos desconhecidos, tenham encontrado surpresas e dificuldades pelo caminho. Não pretendo explanar aqui tudo o que penso sobre esta tomada de outras terras e desta exploração, muitas vezes violenta, dos territórios deste mundo. Tenho feito uso de metáforas em meus escritos para dialogar sobre temas da existência humana e, como de costume, usarei também neste pequeno texto, a idéia de navegação e descobrimentos como uma metáfora: navegar e descobrir é o exercício de encontrar o novo e aprender com ele. A conquista é o aprendizado e o amadurecimento. Também neste ensaio os termos navegante e barco representam figurativamente o homem como um todo.

Ao nascer somos lançados neste mundo e então condenados à liberdade e à responsabilidade para

trilhar o caminho da existência. Estamos sempre em processo e, forçosamente, somos navegantes dos mares profundos da aventura humana. Então, a partir do ímpeto do primeiro choro, inauguramos a árdua tarefa de crescer. Árdua porque crescer significa ter contato com o desconhecido, sofrer pela tentativa de adaptação a novos contextos, descobriremos sobre nossa morada no mundo e sobre o mundo que também nos habita. Nós, humanos navegantes da existência, precisamos admitir a possibilidade de esforço e dor para continuar caminhando.

Vamos então imaginar dois tipos de navegantes: o que anseia descobrir sobre o mundo e investiga, com preciosa humildade, as condições de seu barco e aquele navegante que espera que o vento o leve ao encontro da desejada conquista, acreditando não precisar avaliar sua embarcação. O primeiro navegante é o homem que olha para si durante a caminhada da vida. O segundo, é aquele que coloca no outro a responsabilidade por sua existência e, soberbamente, se nega a avaliar o próprio barco imaginando-o invencível. O primeiro se apropria da condição de liberdade, vulnerabilidade e responsabilidade inerentes ao existir humano e o segundo aprisiona-se na ilusão de negar a própria alforria. A liberdade é o exercício da compreensão de si no mundo. Compreensão dos papéis desempenhados na tarefa do existir. É a imersão na percepção dos próprios sentimentos, intenções, valores, limitações, possibilidades e enganos. Liberdade é olhar para si e apropriar-se do particular projeto de vida, da rota de navegação, do destino a ser alcançado, dos perigos e prazeres do viver. Aprisionamento é imaginar-se como vítima do mundo, vítima da ventania ou do mar revoltado. É negar-se a aceitar a liberdade e responsabilidade de ser o comandante da embarcação, senhor da própria vida. O aprisionamento é a escolha da ilusão em detrimento da realidade do viver, é aprisionar-se na nefelibática escolha de viver nas nuvens. A aceitação da liberdade e da responsabilidade implicadas na tarefa do existir é uma escolha, assim como mergulhar na ilusão de uma imagem distorcida de si também é.

A rota de navegação, neste ensaio, é também uma figura metafórica do projeto de vida do homem. Só o navegante que admite a realidade do próprio barco e a necessidade de reconstrução de seu modo de ser vai conseguir chegar a apropriar-se do território que irá descobrir sobre si. Sob o olhar existencialista “o homem é um conjunto de possibilidades que vai se atualizando no decorrer de sua existência. Ele é livre para escolher entre muitas possibilidades, mas a sua escolha é vivenciada como inquietação, pois a materialidade de seu existir não lhe permite escolher tudo – cada escolha implica a renúncia de muitas possibilidades.” (FORGHIERI, 1984, p.17). A onipotência é uma ilusão. Não podemos ter tudo. A forma como o homem lida com o que lhe falta dirá como este homem existe: numa soberba ilusão ou num processo de aprendizagem realista.

E o navegante que escolhe não ver o próprio barco? Certamente sairá em desvantagem para o mar, sem consciência das avarias e limitações de sua embarcação. Rema em prejuízo, pois barco furado afunda. Não experimenta as angústias das livres ondas do oceano por muito tempo pois não se responsabiliza pela condição angustiante de ser si próprio. Barco furado não navega: ou submerge ou fica no cais. O homem que não olha para si não amadurece, só envelhece e definha. Nosso destino absolutamente real e concreto é a morte do corpo, mas o homem que não examina o próprio ser morre num corpo vivo. Este é o maior prejuízo da vida. Desconstrução e ressignificação contínua são exercícios de liberdade: no passado foi assim, hoje é possível fazer diferente; eis o processo. O homem é ação e por isso não fica bem parado no cais, chega a ser deselegante viver com medo, olhando o mar sem adentrá-lo ou sair irresponsavelmente num barco furado e à deriva frente à possibilidade de afundar e afogar-se vivo.

O marinheiro que faz uma autoavaliação, sendo ele navegante e barco, entra no mar com mais segurança. Não uma segurança estanque ou finalizada, mas a segurança de ser dono de seu

ALFARRÁBIOS XI

destino, de suas angústias e de sua ação. A segurança da responsabilidade por suas escolhas, do amadurecimento de perceber a vida tal como ela se revela: feroz e bela, realista e poética, cheia de amor e da falta dele, amedrontada e corajosa, angustiada e serena. Tão bela e contraditória vida. O marinheiro seguro e maduro a reconhece sem disfarces, olha o mar em sua profundidade respeitando-o como respeita a si mesmo.

No último dia deste ano de 2018 estarei olhando o mar compreendendo que navego pela vida como um marinheiro e seu barco em reconstrução. Muito grata ao meu barco que ainda continua por aqui a me permitir navegar, descobrir e aprender. E certa de que um dia esse barco encontrará o ocaso de sua existência, espero que ele e sua história de navegação sejam dignos de serem lembrados com amor num pôr-do-sol.



Angela Maria Puppín



é mãe de três filhos, foi economista e, agora reinventada, é Contadora de Causos e Histórias. Também conhecida como “A Palhaça Pum Pim”, é entardecidamente, escrevinhadora. Seu primeiro livro “Escritas libertárias” foi publicado em 2017 pela Editora Cândido.



Nuvens

Nuvens encobrem o céu

Uma garoa escorre do céu e turva o dia

Chove

Chuva fina e doce que lava a alma

Frescor, frenesi suave, cheiro de terra molhada que

penetrante aguça os sentidos

Gosto de beijo molhado, de lânguidos lábios a percorrer o corpo inteiro

Arrepio que arrebatava o corpo, envolto em manto de nuvens a rabisar o infinito

Dançam as nuvens e com seus gigantescos e leves corpos desenhavam os céus com tons indecifráveis, etéreos e esvoaçantes

Bailam e brilham gotas de puro amor

Amor em brisa, que acaricia, lambe, beija, molha e excita

Em lânguido suspiro flui o corpo molhado até evaporá-lo e condensá-lo em nuvens



Olhar estrangeiro

Entre o seu olhar e o meu

Os óculos parisienses

Os estrangeiros óculos

Despido deles

Revela pequenos piscares

Olhar furtivo

Fugitivo

Só olha o dentro

Só brilha o estrangeiro

O desconhecido

O não dito

O reflexo imperfeito

De meu olhar que

Teima em espelhar-se

No seu



Retrovisor

Olhar em retrovisor

Imagem esquelética

Efêmera ilusão

Delírio febril

Abandono latejante

Oco

Amnésia do sentir

Último olhar

Dar partida

Arrancar

Virar a curva

Horizonte

Céu tocando a terra



Ninguém solta a mão de ninguém

Quem És?

Uma mulher, um homem, lésbica, transgênero?

O que se passa no seu corpo fala do seu Eu

É memória, são marcas gravadas nele

Ecos do tempo

Expressões silenciosas

O agora nos faz encontrar ecos soterrados

Tudo converge em ti, no aqui e no agora

Sementes modificadas pelo agora e que será futuro

É preciso revelar seu corpo frágil, afetado, não fraco

ALFARRÁBIOS XI

Ter memória, visão de futuro perdendo certezas

Demolir estereótipos de nossos corpos

Memorar outras construções

Ser afetado e receptivo à diversidade

O Por vir?

É preciso o gesto, a micropolítica, a resistência

O vira a ser, para além dos possíveis

O corpo a corpo, os afetos, o gesto da arte, da poesia

Ninguém sabe de um corpo quando se desobriga da disciplina do homem

A vida não se assujeita

Viver é a única esperança

De mãos dadas

Ninguém larga as mãos de ninguém

Corpos tornam-se trânsito de afetos

Não és semelhante

És diversa

És comum



Carlos Orfeu

Carlos Orfeu, nasceu em Queimados. É devoto das artes, sobretudo, da literatura e poesia. Publica em blogs pessoais, revistas e blogs literários. O poeta em 2017 lançou o livro invisíveis cotidianos pela editora Literacidade.



há infinitas moradas nos mínimos gestos

I

caramujo amadurece

no fóssil da folha

jarros abrigam em si

outros mundos líquidos

olhar a si mesmo através

da película das coisas

há infinitas moradas

nos mínimos gestos

II

caderno aberto

como o abraço de guelras

e escamas na pele das águas

as folhas suspiram

a ferocidade da mão

em combustão

na tessitura do poema

no imenso dorso do quintal

entre o galo com a faca-

canto

abri-

indo

o dia

e a lesma no abandono

dos rastros prateados

ALFARRÁBIOS XI

no cume das chamas

no exceder dos dias

III

A MANDÍBULA interrompe

o movimento das libélulas

circunflexas feitas de brisa

há uma estranha vontade

de morder o nada

e os músculos do mundo

IV

ESSE CORPO colhido nos braços altíssimos da árvore

antes devorado com os olhos dos dedos

senti-lo na extremidade da gengivas

descascado:

o odor de existir

estremece

a experiência de ter nas mãos

o ser grafado nas fraturas

e estrias do mundo

V

fica um pouco de sopro

na palavra caída no caminho

e o que foi dito

nutrirá a fome do incêndio

expondo

dentes

de

flama

nas cinzas ficará o tom mais

nítido

e vigoroso

dançando

as coisas partidas

Cesar Margato

psicólogo clínico, carioca, admirador da vida, viajante do mundo.

Escreve no blog

<http://palavrasedberturasdesentido.blogspot.com>



ROSAS RÚSTICAS

[Cesar Margato]

Abro os olhos. (Segundos antes de abri-los, eu já me entendo acordada. Mas isso não tem a mínima importância). A primeira imagem que me surge é o rosto lindamente amarrotado de Gláucia. Separando-nos, apenas o vão existente entre nossos travesseiros. Nestes primeiros momentos da manhã, Gláucia sempre me parece dotada de uma beleza ainda mais estonteante daquela que exibe depois de laboriosamente submeter-se às abluções matinais de costume. Permaneço assim por algum tempo – Minutos? Horas? Eternamente? – observando seu corpo nu. O usual seria, depois dessa palavra, “nu”, que eu acrescentasse outras duas palavras: “em pelo”. Mas não posso fazer isso, pelo simples motivo de Gláucia não ter pelos. Em nenhuma parte do corpo. Ainda hoje, depois de cinco anos ininterruptos dormindo na mesma cama, ela tenta me explicar os motivos que a levaram

a esta condição. Quando ela tenta fazer isso, eu grito, tapo os ouvidos, saio da cama, ameaço agredi-la, matá-la. Não quero saber de explicações sobre este fato. Quero é me esbaldar com a tepidez e a suavidade deste corpo, decorrente da provável ação de algum dos deuses, antigos ou atuais. Digo provável, porque não tenho e nem quero ter certeza de nada, ainda mais a respeito de deuses. Por isso fico assim, contemplando esta obra de arte no momento localizada a dez centímetros dos meus olhos. Sinto-me tentada a palmeá-la, lambê-la, morder gentilmente seus mamilos, mas ambas sabemos que este ainda não é o momento para nada disso. Antes, para que eu me sinta mais presente, preciso inebriar-me com o diáfano odor agridoce que recende de seu sexo. Usando a astúcia e a dissimulação de um felino selvagem, tento direcionar meu rosto até seu ventre, mas acontece justamente aquilo que mais temo: Gláucia acorda repentinamente, e ao perceber minhas intenções profere, não sem grande rispidez, tais palavras assassinas:

“Que isso? Tá maluca? Tira essa cara daí!”

No momento seguinte empurra-me para o lado, enrola-se em um fino lençol e vai em direção ao banheiro. Seria o caso de eu me perguntar o obscuro motivo de uma mulher não gostar de ser acordada à base de beijos e carícias ardentes diretamente on the vagina, mas é como eu digo: não procuro por explicações, ainda mais para as questões sexuais. O sexo é para ser vivido; quando tentamos explicá-lo, ele acaba perdendo muito do seu encanto, da sua magia, do seu poder. Explicar é teorizar, viver é experimentar. Simples assim.

Olho para o relógio: seis e vinte da manhã. Levanto-me da cama, saio do quarto e caminho lentamente em direção à sala. Abro a imensa porta de mogno trabalhado que me defende e protege, mas também que me isola e aliena. Vestida de aurora somente, sinto uma espécie de energia revigorante incrustando-se em minha pele, invadindo meus poros. Sei que essa energia a um só tempo, me alimenta e me consome, e é precisamente por isto que não hesito em saudá-la: fico na ponta dos pés, reúno meus braços estirados por cima de minha cabeça, conduzo minhas mãos uma de encontro à outra e permaneço assim, durante uns dez segundos. Depois vou abrindo os braços bem devagar, as mãos espalmadas em direção aos primeiros raios de sol, os olhos semicerrados. Num pretense ato de contrição, ajoelho-me assim, com os braços estendidos e a cabeça baixa. Sentindo completa a simbiose energética, levanto a cabeça e saio do transe, olhos já abertos, corpo ereto e em prontidão. Quando me viro para entrar em casa, dou de cara com Gláucia trajando tão somente um vestidinho branco de chita, descalça, sem calcinha. Um raio de sol translúcido perpassa meus cabelos e ilumina seus lábios, enquanto uma furtiva gota d'água percorre a lateral esquerda de seu rosto, desce em direção ao seu queixo e respinga suavemente em seu joelho.

E então, sem qualquer controle sobre a lubricidade que exala de todo meu ser, projeto-me como um bólido na direção desta mulher – Fada? Bruxa? Deusa? – e depois de arrancar o seu vestido, arremesso nossos corpos ao chão frio da sala, onde deixamos vir à tona as nossas concupiscências mais brutas, o nosso ser selvagem, nosso poder-ser mais próprio.

ALFARRÁBIOS XI

Durante todos estes momentos, a porta permanece aberta, mas isto é um detalhe irrelevante. O importante é que eu me apresente para o leitor.

Meu nome é Desejo.



Hilário Francisconi

Natural da capital do Estado de São Paulo e radicado em Niterói/RJ desde os 10 anos de idade. Membro titular da Academia Niteroiense de Letras, licenciado em Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e jornalista com registro 36682/RJ, sempre trabalhou em áreas administrativas do serviço público, até aposentar-se, em 2009, pelo Tribunal de Justiça/RJ, onde exerceu o cargo de Analista Judiciário.

Possui os cursos de Letras, Formação em Psicanálise Clínica (IBPC), criação literária, dramaturgia com ênfase em roteiros (Curso José Louzeiro de Dramaturgia), Formatação de Roteiros - Master Scenes – curso ministrado pelo roteirista inglês Hugo Moss, e sua obra compreende crônicas, contos, novela, poemas, peças para teatro, ensaios, humor, Haicais, literatura infantil, argumentos com roteiros para curtas- metragens e assina a coluna “A Psicanálise no Divã” no Jornal Santa Rosa, Niterói/RJ.



A origem das línguas

[H. Francisconi]

Dizem as santas línguas que a origem dos idiomas está na Torre de Babel, mas, com o ruir da Torre e com o rugir do tempo essa tese foi pro beleléu.

Dada a impossibilidade de comprovação da origem dos idiomas, a Associação Mundial dos Linguistas fechou acordo no sentido de que todas as línguas tiveram origem na Epiglote, antiga capital da Cartilagem, atual Cartagena.

ALFARRÁBIOS XI

Com base em outra versão, segundo estudos - que primeiro vem o lazer -, um povo extinto há cinco mil anos, a que denominamos Árias, deixou a Índia para misturar-se com tribos que habitavam o norte da atual Europa. Assim, com a desculpa de que as índias insistiam no matrimônio, muitos guerreiros deixaram sua terra e misturaram-se às raças descobertas - justamente o que eles procuravam -, o que originou diversos ramos de outras e peculiares línguas. A partir de um tronco que os aventureiros levaram para o reflorestamento, surgiram os Ramos e os Guimarães.

Com o resultado final dessa miscigenação, o ramo germânico concentra, dentre outras, a atual língua inglesa, originária de famílias com pretensões a dominar o comércio mundial; o 'baixo-alemão' e o 'alto alemão', que formavam duas castas distintas por causa de suas estaturas, e o 'neerlandês-flamengo', que deu origem à nação rubro-negra.

O ramo eslavo destaca o 'russo-branco', língua falada por um povo racista concentrado no miolo nevado da atual Rússia, e o 'ucraniano', pelo povo dotado de cérebro em forma de 'U'.

Da família 'românica', ou 'neolatina', podemos afirmar que o 'galego' era formado por plantadores de limão, ao passo que o 'sardo' não vingou porque o povo era surdo. O 'catalão' é encontrado ainda hoje em Goiás; o 'romeno' é mais romeno: às vezes mais, às vezes menos, e o português, como sabemos, foi quem descobriu o Brasil...



João Ayres



poeta, contista, romancista, compositor e cantor de samba de raiz, jazz e blues. Assina parcerias de Blues e Jazz com Paulo Ferro, Renato Zanata, Léo Fernandes, Thiago-Ajary. Assina parcerias de sambas de raiz com Delcio Carvalho, João de Abreu Borges, Léo Fernandes, Vitor Juliani, Helena Bruzzani e Maestro Mazzoni.

Foi membro do Gamboa Samba e Poesia como vocalista e compositor, com shows no Morro da Conceição, na Lapa, Teresópolis, na região oceânica em niterói e na Casa da América Latina nas Laranjeiras. É responsável pela biografia de Delcio Carvalho.

Está no cd profissão compositor juntamente com Mário Lago Filho, Sérgio Fonseca, Zé Ketí, Luisão Maia e outros. Publicou POEMAS DO RASGO DA HORA, POEMAS EM RISTE, POEMAS EM CORTE PROFUNDOS, POEMAS MALDITOS e recentemente POEMAS ESCUROS pela editora Armazém de Quinquilharias.

É também líder de sua banda de jazz e blues (JOHNNY B AND) e de seu grupo de samba (João Ayres Samba de Raiz);

Em breve lançará pela Armazém de Quinquilharias seu romance

Gramática do Crucial do Desespero e o livro de contos Histórias para nenhum boi dormir.

POEMAS EM RISTE.

35

Cara vírgula,

te escrevo devido ao horror que nutro por ti,
devido ao fato de que não gosto de pausas/
devido ao fato de que não gosto de seu rosto sem rosto/
e de que por isso e mais isso e mais isso/
vou chutar os seus bagos inúteis/
neste branco de papel asséptico.

Cara vírgula,

te escrevo como um parágrafo qualquer/
devido ao fato de que gosto de quebrar o ritmo/
para mudar de assunto ao jogar cerveja em suas roupas/
para te xingar sem Complacência com c maiúsculo/
e para comer pão com queijo ao seu lado/
ao vomitar uma torrente de sentenças lúgubres.

36

A pedra está imóvel/
Por isso falo com a mesma/
Que rola em minha mente/
Ladeira abaixo no labirinto/
Que se abre quando se fecha os olhos/
No rigor de um quase nada/
Que se ausenta como esta sombra/
Sempre pouco acolhedora/
Em quatro ou cinco frutas que caem/
Como cem mil espíritos que flamejam.

37

Há um carro bem em frente ao inferno/
Quando as luzes se apagam/
Amanhã não sairei jamais/
Enclausurado na palavra lugar.
Há um carro que se move/
Em alguma estrada que em mim se perdeu/

Posso ser como um ninguém/
Que nunca soube o quanto andou.

38

As dores no corpo/
O corpo inerte/
E sempre promíscuo/
Ao falar com os membros/
Como quem diz que o banheiro/
É o mais sagrado lugar/
Para fazer dos testículos/
Dádivas irreconhecíveis.

As dores no corpo/
E o corpo na dor/
Crucificado e açoitado/
E repleto de lágrimas/
Que sugam o esperma de uma besta/
Que esteja a respirar no escuro/
Como quem fala com estridente/

34

Nestes ecos que martelam o infinito.

39

Um pássaro que pousa e eu que o vejo e ele que ali está:

Bela plumagem e movimentos precisos nesta manhã qualquer.

Os pássaros em seu jeito de misteriosa infinidade.

Um pássaro que pousa e eu que o vejo e ele que ali está:

Onde?

Onde?

Onde?



foto: Vanessa Angelo

Jorge Ventura

O poeta, ator e editor carioca Jorge Ventura é conhecido por ser um grande declamador de poemas, participando em território fluminense e brasileiro das mais diversificadas atividades culturais, com leituras, récitas, performances, esquetes, peças teatrais, vídeo e cinema. Além disso, quando não está organizando algum sarau, é figurinha carimbada em eventos literários, sempre autografando seus livros.

Os dois poemas visuais de Jorge Ventura presentes nesta edição de Alfarrábios participaram respectivamente de duas exposições internacionais:

“Earth” integrou a exposição “Miragens”, em que 151 artistas de 44 países enviaram seus poemas visuais abordando o tema universal da Água. A mostra aconteceu em 2016 na realização do XXIII Congresso Brasileiro de Poesia, em Bento Gonçalves, RS.

“Congre\$\$o” integrou a exposição “Imagética”, em que 170 artistas de 22 países enviaram seus poemas visuais abordando o tema Poder e Política. A mostra aconteceu em 2017 na realização do evento Rio de Versos, no CCBB do Rio de Janeiro, RJ.

jorgeventura@terra.com.br

earth

(A3) JORGE VENTURA - Gota - Rio de Janeiro, BRASIL



JORGE VENTURA – Congre\$\$o - Rio de Janeiro, BRASIL

José Antonio C e Silva

José Antonio de Carvalho e Silva
Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista

O Anjo Exterminador **Uma visão existencial**

Em um conhecido filme de Woody Allen, “Meia Noite em Paris”, o genial diretor transporta o protagonista do filme da Paris atual para a Paris da década de 1920, onde fervilhavam muitos dos maiores talentos daquele século, tais como: os pintores Pablo Picasso, Salvador Dali e Man Ray, os escritores Ernest Hemingway e F. Scott Fitzgerald, o compositor Cole Porter e o cineasta Luiz Buñuel. Em um dado momento o protagonista lança ao então jovem Buñuel a seguinte provocação: Por que você não faz um filme reunindo todos os personagens em uma sala da qual eles não conseguem sair? E Buñuel, intrigado, responde: Mas porque eles não conseguem sair? Esse é o argumento do filme O Anjo Exterminador, que o diretor viria a realizar em 1962. Buñuel tornou-se conhecido ainda naquela década de vinte ao realizar, juntamente com Salvador Dali, o filme Um

Cão Andaluz, uma obra bastante representativa de um movimento artístico e literário iniciado em Paris e que foi denominado Surrealismo.

O Surrealismo, ou Super-realismo, que teve como seu mentor e principal líder o poeta e crítico André Breton, foi fortemente influenciado pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud e enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa. Outra influência exercida sobre o movimento foi a do marxismo. O surrealismo teve como um de seus objetivos produzir uma arte que se pretendia liberta das exigências da lógica e da razão, indo além da consciência cotidiana e visando expressar o mundo do inconsciente e dos sonhos. Os surrealistas repudiaram a chamada ditadura da razão e valores burgueses como pátria, família, religião, trabalho e honra. Contra esses valores a nova ordem se valeria de recursos como o humor, o sonho e a contra-lógica para libertar o homem de sua existência utilitária, subvertendo as idéias de bom gosto e decoro. Na arte surrealista, seja nos quadros de Picasso e de Salvador Dalí, seja nos filmes de Luis Buñuel, não há lugar para a ordem, a lógica, a explicação racional, um fechamento. Ela é aberta, deve ser apreendida pelos sentidos, pois nela o irreal é tão verdadeiro quanto o real, o sonho e a realidade são vasos comunicantes, como prega o manifesto escrito por André Breton. Extremamente perspicazes são os comentários sobre Picasso emitidos por Kafka (ele próprio autor de uma obra literária com traços surrealistas), conforme anotados por seu tradutor e comentador Modesto Carone (1): “Ele [Picasso] apenas registra as deformidades que ainda não penetraram em nossa consciência”... “a arte é um espelho que adianta como um relógio”, e nesse ponto Kafka sugeriria que Picasso estaria refletindo alguma coisa que um dia seria lugar comum da percepção – “não as nossas formas, mas as nossas deformidades”.

O Anjo Exterminador – o filme é praticamente todo rodado em um ambiente claustrofóbico: cerca de vinte convidados, saídos de uma ópera juntamente com o casal anfitrião, chegam a uma grande mansão para um requintado jantar, após o qual se dirigem a uma sala de estar da qual não conseguem sair. Muitos dos elementos do surrealismo encontram-se presentes nesse filme, assim como em tantos outros do diretor. Lá encontra-se a feroz crítica à burguesia – um posicionamento marxista – retratada em personagens empostados, arrogantes, hipócritas, destituídos de solidariedade. Na medida em que os dias e as noites vão se passando esses personagens, sob a pressão psicológica do íntimo convívio a que se auto-impuseram, e privados até mesmo de comida, vão perdendo seu verniz de civilização e mostrando sua face mais sórdida. Em um crescente conflito entre si eles descobrem, como os três condenados ao inferno no texto “Huis Clos” (traduzido em português como Entre Quatro Paredes), do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, que “o inferno são os outros”. Sem uma explicação para a insólita condição em que eles próprios se colocaram buscam um culpado: seria o anfitrião, que os teriam conduzido àquela condição e, por isso, deveria ser executado. A salvo da ignominia foi colocada a criada que, numa espécie de premonição do que iria acontecer decide, pouco antes do início do jantar e sem qualquer explicação aceitável, abandonar o serviço. Fica apenas o submisso mordomo, uma espécie de pelego de seus patrões. Aqui transparece uma simpatia de Buñuel com as classes menos favorecidas, assim como na cena final em que a polícia surge distribuindo pancadas a torto e a direito no povo nas ruas. Configura-se, novamente, um posicionamento marxista do diretor. O surrealismo - a falta de explicação lógica - está em muitas cenas: a mão “solta” que se move pelo chão da sala, o braço de um morto que se projeta para fora de um compartimento, uma mulher que guarda duas patas de galinha em sua bolsa, um urso que vaga pela mansão, uma mulher que atira uma pedra quebrando uma vidraça etc. E há o momento

em que um dos personagens, uma outra mulher, se dá conta de que, após tantos dias confinados, ocupando aleatoriamente inúmeras posições na sala, eles encontram-se exatamente na mesma posição em que a inusitada situação principiara. Ela pede a todos que permaneçam onde estão, e que uma das convidadas volte a tocar ao piano a mesma obra que executara pouco antes que o “encanto” se apoderasse de todos. E pede ainda que o diálogo subsequente ao término da execução seja repetido exatamente como ocorrerá. É uma situação que nos faz recordar a teoria do eterno retorno de Nietzsche. A magia então se desfaz e todos já podem sair livremente. E saem apenas para se verem, ao final da película, novamente confinados em uma igreja ao término da cerimônia religiosa. Até mesmo o próprio padre, e seus assistentes, se sentem impedidos de deixar a igreja. A religiosidade e a hipocrisia da instituição religiosa estão sempre presentes no filme através de imagens, de cantos gregorianos, de apelações a Cristo apenas em momentos de aflição, do badalar de sinos a chamar as ovelhas, os “cordeiros de Deus” para a Igreja.

Resta a grande pergunta: por que as pessoas sofrem, e até morrem, mas não conseguem sair de um local onde as portas estão abertas, e até mesmo as pessoas que estão aglomeradas fora da mansão não conseguem entrar? Deixaremos de lado uma possível variedade de explicações psicanalíticas (pulsão de morte...) e/ou marxistas e partiremos do comentário do próprio Buñuel em sua autobiografia (*Meu Último Suspiro*) conforme anotado por Ariana Gondim (2). Segundo essa anotação, o entendimento de Buñuel é o de que o seu filme “é um estudo sobre a vontade: o que faz alguém caminhar para alguma direção ou mover um braço, por exemplo? Os personagens querem passar pela porta, mas parecem que simplesmente se esqueceram como se faz para isto...”. Uma abordagem existencialista teria um entendimento diverso. Segundo Sartre, o homem está condenado a ser livre. Ele é livre, em

quaisquer circunstâncias, para fazer suas escolhas, e ser responsável por elas. Se os personagens decidiram não cruzar os umbrais da sala que os confinava foi por sua própria escolha, e não porque se haviam esquecido de como fazê-lo ou por outra razão qualquer. Se decidiram ficar, e continuar na sala com todo o sofrimento que isso lhes trazia, sem que houvesse qualquer impedimento concreto para dela se libertarem, foi porque assim escolheram. E quando naquele momento do “eterno retorno” decidiram sair foi novamente por ter interpretado que a volta àquelas exatas circunstâncias que os haviam paralisado era agora, inversamente, um sinal de que estavam livres para sair. E, por fim, novamente escolheram não sair da igreja após a missa, sem que, uma vez mais, concretamente nada os impedissem de fazê-lo. Agora, permanece outra questão: por que optaram pelo sofrimento, e repetiram a mesma escolha após ter experimentado suas agruras? Isso, longe de configurar um comportamento absurdo, apenas exhibe um modo de ser, no dizer de outro filósofo existencialista, Martin Heidegger, dentre tantas outras possibilidades abertas ao homem: permanecer numa condição de restrição de liberdade. Para o existencialista, opta pelo sofrimento todo aquele que inventa justificativas inculcando o Outro para persistir em situações adversas – em um emprego torturante, em uma relação conflituosa, na adição a drogas etc. E opta pelo sofrimento extremo – sua auto-aniquilação – a própria humanidade quando persiste em suas guerras e na insensata destruição da natureza para satisfazer os seus caprichos. A escolha do sofrimento é algo demasiadamente humano.

Notas:

(1) CARONE, Modesto, in Franz Kafka Essencial. São Paulo: São Paulo, 2011, p.153.

(2) <http://panchoufpe.blogspot.com/2010/04/o-anjo-exterminador-por-ariana-gondim.htm> (acesso em 19/07/2018)

José Glauco Ribeiro Tostes

Prof. Titular aposentado da UENF
(Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior
do Estado do Rio

EXTREMA DIREITA NA HISTÓRIA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA (1918-2018): uma possível agenda de estudos no campo das ciências sociais

[José Glauco Ribeiro Tostes]

As muito recentes considerações do cientista político MARCOS NOBRE (“A Revolta Conservadora”, PIAUÍ, 147, Dezembro 2018, pps. 24, 26-27) sobre o futuro governo BOLSONARO e sobre o papel, segundo ele, da oposição a tal governo, nos estimularam a avançar mais, em termos de ciências sociais, na inevitável e prioritária análise histórica, política e econômica do pano de fundo internacional e ocidental da extrema direita ocidental a partir do qual necessariamente, cremos, se desenvolverá aquele futuro governo. No presente texto nos restringiremos apenas a propor uma possível agenda de estudos daquele pano de fundo ocidental. Na agenda proposta de análise histórico-ocidental da extrema direita vamos nos restringir ao período de cerca de 100 anos, 1918-2018. 1918 é o ano do fim da I Guerra Mundial e também do famoso livro do alemão O. SPENGLER, “O Declínio do Ocidente” que a partir de teoria histórico sistêmica (por oposição a teoria tradicional crescentemente progressista, liberal-capitalista, centrada na economia/tecnologia mundial) aplicada ao Ocidente prevê um inexorável declínio civilizatório do Ocidente europeu como um todo e correspondente expansão civilizatória em outros cantos do Oriente (veja-se o texto do liberal-capitalista americano A. HER-

MAN, “A história da ideia de decadência no ocidente”, 1997 que assinala o confronto entre aquelas duas grandes teorias da história ao longo do séc. XX; veja-se ainda, do ponto de vista socialista, o texto de DIAS e TOSTES, 2012). SPENGLER, no entanto, assinala um possível soerguimento da cultura alemã dentro de um quadro geral declinante da civilização ocidental. Seria uma espécie de um possível revigoramento – ainda que transitório – de vida local, nacional, que poderia se espriar, até certo ponto, pelo que ele supunha ser um agonizante quadro social ocidental. Este texto spengleriano não auxiliou a simples geração da extrema direita europeia, que já existia antes, mas tornou-se um notável ponto ideológico de inflexão, nas condições históricas extremamente favoráveis do pós-guerra de 1918, na direção de que logo se tornaria um forte ciclo de crescimento político daquela extrema direita no entre guerras (1919-1938) europeu. Curiosamente, o futuro ministro das relações internacionais (RI), E. ARAUJO, do próximo governo brasileiro, em um longo artigo de 2017, denominado “TRUMP e o Ocidente” (artigo que cita no seu resumo inicial o texto catastrofista de SPENGLER), considera que sob a liderança nacionalista do governo TRUMP, de extrema direita, teremos a única grande oportunidade de se evitar o atual declínio da CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL, declínio este em curso segundo ARAUJO!

Vamos assumir aqui o conceito do “curto” séc. XX de Hobsbawm (1994): 1914-1991.

AGENDA (1) – DIREITA CAPITALISTA LIBERAL (ANTISSOCIALISTA) e ESQUERDA SOCIALISTA CLASSISTA (ANTICAPITALISTA)

Nossa agenda para estudos na extrema direita ocidental do séc.

XX e início do séc. XXI vai partir do que, cremos, seja o chão político-econômico ao mesmo tempo ocidental e mundial do séc. XX: a direita capitalista liberal(antissocialista) e a esquerda socialista classista (anticapitalista), mesmo que esta última tenha perdido grande parte de sua influência política exercida no séc. XX, ela vai continuar numa série de conquistas sociais alcançadas no séc. passado – principal e ironicamente em países capitalistas, pela via do “espectro ameaçador das revoluções socialistas” – conquistas estas que vêm sendo solapadas desde o fim do curto séc. XX, em 1991, primeiramente pela via da direita capitalista neoliberal globalizada [de origem iluminista] e, agora, nos seus primeiros sinais, pela via anticapitalista e nacionalista [numa palavra: anti-iluminista] da extrema direita euro-americana. Assim, fica claro – para a seguinte Agenda (2) – o choque atual ocidental de fundo “direita x extrema direita”, ao lado de velhos conflitos intercapitalistas imperialistas, hoje, economicamente, centrados na disputa China x EUA. Voltando a Agenda (1), quanto as questões referentes aos países do chamado “socialismo real” no séc. XX, pode-se argumentar que, embora tenham ocorrido diversas revoluções socialistas naquele século, em nome de textos do próprio MARX (1850, 1858) jamais, ao menos até o presente, houve condições de institucionalizar-se/estabilizar-se regimes/governos realmente socialistas, seja na URSS, China, Cuba etc. Esses regimes chegaram a reter por mais ou menos tempo elementos socialistas (oriundos de revoluções plena e realmente socialistas/comunistas) em seus programas de governo e parecem tender para alguma forma de capitalismo de Estado/planejamento estatal. Estamos apontando aqui neste parágrafo, que ora se encerra, apenas uma agenda (1) para futuras discussões e argumentações envolvendo relações e interpenetrações entre capitalismo (direita) e socialismo real (esquerda) no séc. XX, precedendo uma agenda (2) para estudos na área anticapitalista que caracteriza visceralmente a extrema-direita propriamente dita.

AGENDA (2) – EXTREMA DIREITA OCIDENTAL EURO-AMERICANA:

ANTICAPITALISTA (ANTIGLOBALISTA) E ANTISSOCIALISTA, SIMULTANEAMENTE

Seguindo-se HOBBSAWM (1994), “extrema direita” é uma categoria analítica mais ampla que tem o “fascismo” como um subconjunto. Nessa classificação os regimes de SALAZAR e (o futuro de) BOLSONARO seriam extrema direita, mas não fascistas. O regime fascista por excelência seria o nazifascismo alemão.

Costuma-se associar grandes crises econômicas do capitalismo com a emergência de regimes de extrema direita. Assim os dois grandes ciclos de extrema direita nos últimos 100 anos (1918-2018) podem ser aproximadamente associados as duas grandes crises econômicas do capitalismo: 1929 e 2008. Na verdade, o primeiro ciclo já começara antes da crise de 29; mais especificamente, como já vimos no caso de SPENGLER, ele começa na crise europeia do final da Grande Guerra. Mas ele explode com mais força no pós-crise de 29 e encontra sua forma mais perversa no nazifascismo alemão, que leva HITLER ao poder pelo voto em 1933.

***O CICLO DE EXTREMA DIREITA DO ENTRE GUERRAS EUROPEU E A CRISE ECONÔMICA DE 1929**

O primeiro grande fator político de destaque no pós-crise de 1929 para o capitalismo em seu enfrentamento da crise foi, parafraseando MARX: “um espectro ronda a Europa e os EUA (mergulhados no desemprego): o comunismo”, espectro este que não existiu no pós 2008. Num primeiro momento, portanto, os liberais (direita)

tomaram o lado da extrema direita nazifascista: HITLER, “agradecido”, em pouco mais de um ano liquidou o Partido Comunista Alemão (PCA). Mas os liberais logo perceberam o erro fatal cometido: o nazifascismo, ANTI-ILUMINISTA, era, portanto, visceralmente anticapitalista e anticomunista. Assim, a partir já de 1935 os liberais começaram a perceber que teriam que formar uma FRENTE UNITÁRIA DIREITA-ESQUERDA contra a EXTREMA-DIREITA nazifascista. E assim foi, culminando na Segunda Guerra, até 1945. Precisou HITLER para acontecer esta “impossível” interpenetração dialética de opostos direita liberal-esquerda socialista.

Para explicar esse quadro de associação esquerda-direita em termos **marxistas** temos que dissociar a **extrema direita** nazifascista alemã da **direita** capitalista. Isto pode ser feito em termos da dissociação: iluminismo (capitalistas e comunistas) versus Anti-Iluminismo (nazifascistas) [HOBSBAWM, 1994]. Assim, se a II Guerra tem características de uma luta entre potências imperialistas (e a própria URSS poderia aí ser incluída: veja-se, por exemplo, os cinco critérios de LENIN para avaliar o caráter ou extensão imperialista de uma potência; no caso, a URSS antes e depois da II Guerra), por outro lado, dificilmente poderia também ser classificada como guerra imperialista intercapitalista (EUA, Inglaterra e Alemanha) ao mesmo tempo que uma guerra contra a revolução socialista soviética. Antes de mais nada porque a Alemanha de Hitler era potência anticapitalista (e também anticomunista). Aí temos uma interpretação marxista (nº 1) para a relação capitalismo-nazifascismo.

Acontece que existe outra interpretação **marxista**, (nº 2), para a relação capitalismo-nazifascismo bastante diferente [Escola de Frankfurt – marxismo ocidental]: o nazifascismo como parte intrínseca e “podre” da modernidade capitalista. Não teríamos, portanto, três cantos – trinômio – em conflito na II Guerra (direita, extrema direita e esquerda) mas apenas o binômio direita capita-

lista (dentro da qual agasalha-se o nazifascismo) versus esquerda socialista.

Essas duas interpretações diferentes da relação capitalismo-nazifascismo vão trazer problemas na avaliação marxista da atual conjuntura mundial pós-2008 e, daí, problemas nas possíveis ações unitárias direita-esquerda de oposição a extrema direita, inclusive no Brasil. Ou melhor, só não haveria problema partindo-se da interpretação nº 1 acima. Ficamos com essa interpretação até uma posterior discussão deste na agenda (2).

*CICLO DE EXTREMA DIREITA ATUAL E A CRISE ECONÔMICA DE 2008

Desta vez não houve qualquer espectro de comunismo rondando a Europa. Após esta crise, já na década de 2010 surge, sim, uma espécie de “espectro da extrema direita” ameaçando o capitalismo globalista neoliberal do lado ocidental (Bacia do Atlântico), através inicialmente de partidos de extrema direita europeus que conseguem – mais raramente – galgar ao poder executivo nacional ou – mais frequentemente – começam ao menos a ter peso parlamentar. Este processo foi sendo crescentemente alimentado, em termos de xenofobia e/ou de racismo, pela onda ou ciclo migratório afro-asiático em direção a Europa rica. Mas só começa a realmente preocupar o capitalismo liberal iluminista a partir de 2016: BREXIT, em meados deste ano e a eleição de TRUMP no final deste mesmo ano. E agora, no Brasil (um país de dimensões continentais e a 9ª economia do planeta) com a eleição de BOLSONARO em final de 2018.

Por tudo que apontamos acima, classificamos TRUMP como ex-

trema direita **anticapitalista**.

Este anticapitalismo parece ser uma característica de fundo nos dois últimos grandes ciclos de extrema direita (o ciclo do entre guerras europeu e o atual ciclo europeu-americano dos anos 2010). Tanto é assim que a partir de eleição de TRUMP (final de 2016), o capitalismo **globalizado** (não cremos que Trump e companheiros de extrema direita estejam constituindo um tipo Dr. Frankenstein de capitalismo “**nacionalista-autoritário**”, paralelo ao globalizado) passou a encarar como ameaça mais sólida o atual ciclo de extrema direita. E, agora, possivelmente, mais ainda com a eleição de Bolsonaro no Brasil. Note-se bem: são os ideólogos do próprio capitalismo mundializado que não reconhecem sequer a possibilidade de um “capitalismo nacionalista” paralelo euro-americano

Por outro lado, repetimos, o capitalismo hoje não tem um espectro comunista para enfrenta-lo ou para com ele se aliar contra a extrema direita, como o fez no entre guerras.

De onde vem então a “energia política” deste novo ciclo emergente de EXTREMA DIREITA na Europa, EUA e, agora, América do Sul?

a) tendência de estagnação do capitalismo **produtivo** na Bacia do Atlântico (e daí as consequências caindo sobre a grande massa trabalhadora e sua correspondente e estagnada massa salarial) nos últimos cerca de 40-50 anos, desde o fim do Welfare-State e a introdução (Reagan e Thatcher) no início dos anos 1980 da nova globalização neoliberal centralizada no sistema **financeiro**. Mas frise-se que **não** se trata de crise sistêmica terminal, global, do capitalismo. Há uma enorme expansão produtiva capitalista e consequente e expressivo crescimento de massa salarial na Bacia do Pacífico (China, Tigres Asiáticos e, agora, emergindo, a Índia). É uma espécie de “desenvolvimento desigual, mas combinado” do

capitalismo mundial, uma “lei” de Trotsky, mas que já havia sido esboçada por Marx em 1850, 1858. Assim, não existe, na atual conjuntura, o oposto da noção de crise **mundial** do capital, isto é, a visão propagada pelo notável ideólogo do capitalismo liberal mundial iluminista, S. Pinker (2018), de que este mesmo capitalismo se encontra, **mundialmente**, em ascensão. Esta combinação de **estagnação ocidental-expansão oriental** do capitalismo, em termos do crescimento relativo da massa salarial ao redor do planeta de 1988 A 2011 constitui a “CURVA DO ELEFANTE” (MILANOVIC, 2016: a curva varre o crescimento oriental /estagnação ocidental da massa **salarial** de 99% de trabalhadores e, no extremo privilegiadíssimo do 1% da população planetária, varre a riqueza “rentista” da classe dominante do capital). A mencionada estagnação essencialmente não foi debelada no Ocidente. E o próprio capital aponta para nuvens escuras no horizonte econômico do capitalismo. Por outro lado, somente bem recentemente a China começa a sentir os efeitos econômicos da “guerra comercial” desencadeada por TRUMP. Em síntese, o atual “pulso” do capitalismo não tem a ver nem com crise terminal global nem com expansão econômica global deste sistema.

b) Crise econômica de 2008, que atingiu mais profundamente o capitalismo – já relativamente estagnado da “curva do elefante” – da Bacia do Atlântico (note-se a analogia: a URSS saiu-se essencialmente ileso da crise de 1929 e aproximadamente a mesma coisa em relação a China face a crise de 2008).

c) na onda da crise de 2008 acoplada a guerras locais na África e agora na Ásia (Oriente médio), tivemos enorme ciclo migratório para a Europa na direção dos países ricos nesta década de 2010.

AGENDA (3) – EXTREMA DIREITA BRASILEIRA NO GOVERNO E DESAFIOS PARA A OPOSIÇÃO

Deixamos a apresentação desta agenda para breve oportunidade.

Lili Balonecker



professora, poeta, escritora de livros infantis. Doutoranda em Educação, mestre em Educação, especialista em Literatura Infantojuvenil, graduada em Letras. Lili Balonecker nasceu em Niterói e da Cidade Sorriso nunca se afastou. Um de seus sonhos é que a poesia esteja espalhada por cada canto de sua cidade.

Instagram: @borboletas.de.papel



O parto

Em uma noite lambida de breu

Ela nasceu

Um grito rasgou o silêncio

A criança escorreu entre as pernas

A parteira, partida, quase não conseguiu segurar

- Vai se chamar Saudade!

E, assim, a menina foi crescendo e, por onde passava, deixava rastros de incontínências.

O Quadro

Olhei o quadro na parede e por meio minuto tive a vaga impressão de que quem me olhava era a pintura reproduzida naquela tela e, num silencioso sobressalto, vi a todos nós como personagens de uma obra engendrada por um autor que sorri com o canto do lábio, ironicamente, rindo de nossa condição de meros personagens de uma obra ficcional eternamente inacabada. E por um breve instante percebi: Degladiamo-nos todos, como bonecos-fantoches, e a voz que ouço é de ventríloquo, os movimentos, de marionetes, e os personagens, em suas redundantes vaidades vãs, nem se dão conta de que apenas aguardam sua hora de sair de cena.



Sangria

Sangrei até não restar nenhuma gota. Esvaí-me em sangue, suor e lágrima. Deixei escorrer a dor. Cansei de estancar as chagas abertas em meu corpo frágil e regido por uma imensidão de sonhos pueris. Sempre ouvi dos velhos e sábios que era preciso ter cuidado. Surda aos conselhos, lancei-me no mundo sem medo da imensidão. Abri minhas asas e só depois percebi que não voavam. Eram como asas de uma ave destinada ao chão, como as galinhas que ciscam sem cessar, mirando a terra para desviar a atenção do alto, a fim de não desejarem o céu em vão. A distração é uma forma de aliviar a tristeza advinda dos sonhos não realizados. Sim, preenchamos nossos dias com distração e nossos vazios com trabalho. E enquanto esperava a queda, indaguei com pesar o porquê de a vida dar asas se elas não podem alçar voo. Como o fruto proibido

do jardim, que existia apenas para ostentar um gosto que podia ser somente imaginado, jamais provado. Abri sorriso amarelo para a ironia e ludibriei a tristeza. A vida é por vezes cruel e dura. Assim é na maior parte do tempo. É preciso então preparar-se para o tombo. Mas eu não sou boa em preparos. Não sei nem mesmo aprontar o corriqueiro: queimo panelas, deixo secar águas e esqueço de regar as flores. Deve ser daí que vem a minha preferência pelo artificial. Minha incapacidade de lidar com o natural me encabula e me avermelha as faces. Rio sozinha de mim mesma e ridicularizo minhas inexatidões. Mas, afinal, o que é exato nesse mundo relativo de incertezas? A dúvida nasceu antes da resposta, assim como no princípio era o verbo. Mas eu não tenho certeza... Gosto mais de indagações, muito mais do que certezas. Talvez por isso tenha deixado de ir à missa. Preencho meus domingos com azuis. E você sabia que azul sempre foi a minha cor preferida? Quis casar de azul, mas minha mãe não deixou. Ela dizia que eu sempre queria o reverso do certo. Sim, confesso que tenho certa afeição pelo incomum. Gosto dos imprevisíveis e do que é diverso. E isso me trouxe muitas inimizades e incompreensões. Mas não ligo. Vou sozinha trilhando meus desertos.



Márcia Barbieri

Paulista, formada em letras e mestre em Filosofia. Tem textos publicados em várias antologias e nas principais revistas literárias brasileiras. É uma das idealizadoras do Coletivo Púcaro e do canal Pílulas contemporâneas.

Publicou os livros de contos *Anéis de Saturno* e *As mãos mirradas de Deus* e os romances *Mosaico de rancores* (no Brasil pela Ed. Terracota e na Alemanha pela Ed. Clandestino Publikationen), *A Puta* e *O enterro do lobo branco* (Ed. Patuá).



Quando os maracujás morrerem

Márcia Barbieri

Lygia tinha se tornado uma obsessão, não dormia sem ler ao menos um trecho dos seus livros, apesar de saber sobre o desfecho de todas as suas histórias, pois já tinha lido a sua obra na íntegra uma centena de vezes. Eu não conhecia a sua fisionomia, procurei em revistas antigas, em arquivos velhos, em bibliotecas de bairros pequenos, em casa de parentes e de amigos, ninguém possuía sequer um retrato falado ou um desenho mal feito. Além disso, as descrições eram tão desencontradas que não conseguia presumir sua idade aproximada nem sua origem,

alguns diziam que trazia traços europeus, outros indígenas, outros juravam de pé junto que seus pais foram exilados políticos da Etiópia. Assim, na minha cabeça, Lygia era um corpo sem formas e um rosto quase esquizofrênico.

Fiquei cinco minutos parado em frente ao portão, sem coragem de bater ou de chamar pelo seu nome, eu tinha a impressão de que certa sacralidade instituída pelo silêncio de longos anos seria quebrada. Não sabia em que medida um escritor poderia ser maior do que seus escritos. Talvez não fosse, talvez fora a escrita sobrasse apenas uma carcaça oca e cansada. Estalei os dedos um a um, respirei devagar, na intenção de acalmar o meu coração, que quase saía pela boca. Estava tudo muito quieto, mas dava para sentir um cheiro de pão torrado e de chá de jasmim, era uma mistura peculiar de aromas, uma fragrância de corpos em decadência. Depois de alguns minutos de indecisão, fui interrompido por um empregado velho, corcunda e meio cego, pediu que parasse com a cerimônia e entrasse logo, Lygia me esperava fazia horas. A luz era escassa, ela estava sentada de costas para mim e de frente para a lareira, de forma que conseguia apenas ver uma parte de suas formas, o seu cabelo longo e prateado escorrendo pelo dorso da cadeira de vime. Fiquei paralisado, a imagem era tão onírica que tive vontade de fotografar aquele instante, no entanto, a minha câmera estava na mochila e a mochila estava dentro do carro, fora isso, era como se estivesse a muitas milhas de qualquer objeto ou circunstância e eu estava pouco habituado ao não-lugar.

Pensei que chegaria mais cedo... A sua voz era fraca, suave... bem diferente do que imaginei ao ler seus romances... Sim, é verdade... eu deveria ter chegado pelo menos três horas antes, mas a bateria do carro arriou, a modernidade, às vezes, nos deixa na mão... precisei esperar a seguradora. Além disso, tive que andar em velocidade reduzida, a estrada estava interditada em alguns

trechos. Não faz mal, querido. O que são três horas para uma senhora da minha idade? Suponho que muito... em três horas poderia ter criado uma obra prima, ou ao menos iniciado uma... Querido, você superestima minha capacidade... Sim, porque a senhora já provou do que é capaz. Bobagem, faz tanto tempo, isso é passado, não sou mais essa pessoa que você leu, esqueça todas essas ninharias, nem me recordo mais desses livros, é tudo velharia, se bobear essas páginas não sustentariam uma fogueira por mais de cinco minutos.

Quando virei, percebi que ele era o homem mais bonito que já tinha visto, ou talvez não fosse... há muitos anos não via homem algum, apenas o caseiro, que já perdera todas as características comuns à espécie humana. Trazia duas covas no rosto, se de um lado, elas me faziam recordar da minha finitude, de outro, me restituía a infância, com seus becos estreitos e suas casas coloridas... Ele chegou mais tarde do que previa, apesar de saber da sua visita, vê-lo me assustou terrivelmente. Estava isolada do resto da humanidade há décadas, jurei nunca mais trocar um diálogo, mesmo que forçado, com homem algum. Durante a juventude fiz essa promessa milhões de vezes e me deixava cair em tentação constantemente, porque o desejo é traiçoeiro nessa idade, não conhece a racionalidade, só conhece o impulso, a língua e o gozo. Não pude encará-lo de frente, preferi primeiro apenas escutá-lo. A voz tem uma força impressionante, se nos deixássemos ser guiados pelas entonações e pelas pausas talvez não tivéssemos sido apunhalados tantas vezes durante o trajeto. Ao ouvir o seu relato tive certeza de que ele viera desarmado, não havia o que temer. Mesmo porque, o que um homem jovem poderia esperar de uma mulher velha além de escuta e conselho? Eu não precisava mais ter receio de ser furtada, o tempo já se encarregara de levar tudo. Quando mais jovem, nunca tinha certeza absoluta se os homens me procuravam por causa do meu corpo ou da minha genialidade.

Depois dos quarenta descobri que os homens jamais apreciaram as mulheres geniais. Hoje, por que me procurariam? Eu sabia que ele estava aqui por causa dos meus escritos, nunca respondi, mas recebi as suas cartas, as críticas minuciosas, as impressões imparciais, o desejo infantil de conhecer a dona de todas aquelas histórias, pensei em queimar as correspondências, no entanto, não consegui, guardei-as com carinho. Que autor mesmo disse que o reconhecimento só pode vir pelas mãos das gerações vindouras? Já não me recordo, li em alguma entrevista. Aliás, esperei muito por esse reconhecimento mundano, só não pensei que ele chegaria tão tarde, quando já não tenho um vestido decente para me apresentar. Creio que o moço ainda não tenha completado trinta anos, nessa idade temos fôlego para escalar o mundo, nada nos entedia. Não quis dar o braço a torcer, porém, gostei de sentir a sua empolgação vendo a neve, também senti isso quando vi pela primeira vez a branquidão engolindo tudo.

Minha coluna doía horrivelmente, como se um trator tivesse passado por cima do meu corpo, estava exausto, a viagem demorou bem mais do que imaginei, olhando no mapa, a cidade não parecia tão distante, no entanto, gastei pelo menos três horas a mais do que previa. A estrada era assustadora, muito semelhante às estradas de filmes de terror dos anos oitenta. A escritora morava em um vilarejo distante, um lugar que nevava incessantemente. Eu nunca tinha visto a neve, a não ser dentro daqueles pequenos globos de vidro. Imaginar que em poucos quilômetros eu passaria por essa experiência me deixava em estado de êxtase. Porém, bastou meia hora de conversa com ela para mudar minhas impressões sobre o inverno rigoroso.

Entendo sua empolgação com a neve, as pessoas que vivem em áreas muito quentes costumam venerar as noites brancas. Contudo, eu poderia elencar, no mínimo, dez motivos para detestar

a neve, se preferir, passe um ano nessa vila e entenderá o que digo... As calçadas ficam escorregadias, é impossível andar, a não ser que você seja parente próximo de um pinguim, dependendo o ponto em que pisa pode atolar os pés em um lago de lama, os canos ficam congelados, às vezes, precisamos esperar horas para conseguir um copo de água, os aquecedores sempre quebram nessa época do ano, como se adivinhassem que somos totalmente dependentes deles, a lenha fica úmida e demora a queimar, as janelas ficam esbranquiçadas, como se fantasmas impedissem nossa visão, ninguém recebe visitas, o lixeiro não encontra todos os sacos plásticos, alguns sacos ficam para trás, os cachorros latem sem dar trégua, os ratos guincham nos esgotos e escutamos seus gritos no meio da madrugada, as ratoeiras são inúteis, o gelo as deixam invisíveis. Os gatos perdem a fome e não conseguem sair de perto do fogo, por isso, a população de ratos triplica. Fora isso, os meus ossos doem, consigo escutar eles estalando quando caminho até o jardim. Gosto de ir até o estaleiro e observar o crescimento irregular dos maracujás. Você já reparou nas flores do maracujá? Eu prefiro o espetáculo roxo das floradas ao espetáculo branco da neve. Sabe, não sou apenas solo infértil, às vezes, tenho algumas ideias, umas beiram à genialidade, outras são tão vagas que seria melhor não tê-las. Quando somos novos estamos o tempo inteiro a postos, com os anos, simplesmente deixamos passar... Escrever significa tirar as luvas, esperar os dedos esquentarem e pararem de tremer, esquecer o inchaço provocado pelo reumatismo... E depois, escrever para quê, para quem? Parece que as séries de TV roubaram nosso espaço, o qual já era tão insignificante... Acho extremamente engraçado quando pergunta: E se a ditadura voltasse? Não perca seu sono, querido garoto, pensando nisso. Você acha mesmo que alguém estaria preocupado em nos censurar? Talvez se escrevêssemos bulas de remédios... A imbecilidade generalizada já calou nossa voz faz tempo... Apenas fingimos não perceber.

Não sei exatamente quem avançou o sinal, ultrapassou a barreira invisível das perguntas banais e sem consequências. Recordo apenas que os botões da sua camisa já estavam abertos, Lygia não usava sutiã, o que achei ótimo, eu sempre me atrapalhei com os fechos. Minhas mãos estavam lá, paradas, quase mortas, cobrindo o resto de rigidez que permaneciam naqueles seios. Ela continuou quieta, não vi nenhum traço de desejo, por outro lado, não havia nenhum traço de rejeição, então, prossegui. Molhei os lábios e chupei os seus peitos, meu pau estava tão duro que agarrei a mão dela e coloquei sobre ele, exigindo que o agarrasse com força. Ela aceitou o meu presente, chacoalhou o meu pau, como se tivesse feito isso a vida inteira, vi que usava a mão para tocar a sua buceta. Vendo aquela cena fiquei ainda mais excitado. Cuspi e a encharquei por dentro.

Há anos abandonei a ditadura dos sutiãs, na minha idade seria irrisório tentar ir contra a lei da gravidade, seria como encapar um fruto maduro para impedir que apodreça, meu corpo era um planeta antigo, inabitável, já não realizava movimentos de rotação ou translação. Não entendi o motivo, porém senti uma vontade incontrolável de me despir na frente daquele moço bonito, não era desejo, era necessidade. Quase não compreendi quando ele passou as mãos pelos bicos dos meus peitos, mas senti um arrepio longínquo, beirando um estado fantasmagórico. Enfiei os dedos na minha buceta, no entanto, era como se ela não fosse acoplada ao meu corpo, havia algo arenoso dentro de mim.

Não esperei amanhecer, não quis vê-la antes de partir. Não tentei vê-la na claridade, também não tentei travar nenhuma conversa, não sabia mais como tratá-la. Ela ainda podia ser considerada uma estranha? Como leria suas obras a partir de agora? Perguntei ao empregado se podia tomar uma ducha, ele balançou a cabeça e me indicou o banheiro. Tomei banho e coloquei a mesma

roupa. Eu me sentia extremamente envergonhado e responsável pelo rumo que as coisas tomaram. Nunca tive a intenção de ofendê-la ou profaná-la, a verdade é que jamais a tinha pensado como mulher ou como um corpo, na minha cabeça ela era apenas abstração. Não me admiraria se tivesse em pensamento fodido as suas personagens, mas ter feito sexo com Lygia me apavorava. Não terminei a entrevista, a qual fiz um grande sacrifício para conseguir. Não me despedi nem de Lygia nem do empregado. Tive pena de deixar a neve para trás.

Voltei a sua casa no próximo verão. Já não havia neve na estrada, as placas de trânsito estavam visíveis, as árvores estavam verdes e os bois pastavam como se não estivessem sendo preparados para o abate. A casa continuava do mesmo jeito, como se tivesse sido recortada de outro lugar e colocada em uma paisagem estranha, que não lhe pertencia. Os canos não estavam entupidos, os cachorros estavam deitados na sombra, silenciosos, os gatos estavam gordos e escalavam sensualmente os muros, provavelmente os ratos já estavam confortavelmente instalados nos esgotos e se multiplicavam de acordo com a fome de seus predadores. O sol secava a roupa no varal. Ela não estava mais lá, o empregado estava ainda mais corcunda e tão cego que não chegou a me reconhecer, assim mesmo, foi gentil e me convidou a entrar. Não senti mais o cheiro de pão e jasmim. Fui até o quintal, os estaleiros continuavam montados, alguns marimbondos desavisados rondavam as flores inexistentes, entretanto, os maracujás haviam morrido.



Marco Valença

Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.

www.marcovalenca.com



ALFORRIA

por isso se escreve palavras
se gera alfarrábios
renovando a criação
novos beijos dos mesmos lábios

por isso se tem a intenção
e a resistência ferrenha
afogueia o mais sábio
quem traz pra fogueira a lenha

só quero que meu astrolábio
não tenha esteira nem senha
o lastro não noto em itálicos
negrito na voz brasileira

OSSO DO OVO

quantas vezes devorei
enciclopédias
e não teu corpo
ignorante de mim e de você
da fonte e do poço
bebi baldes de ditos salobros
cachoeiras de salivas inéditas
revi dicionários
de palavras inúteis
sem reter você a mim
sem sentir o saboroso

o prazer do que se ouve e lê
tem tudo a ver
com a natureza inteira
não com bulas e verbetes
tem haver com colosso

SEM PERGUNTAS

a resistência

é aquela mola

oculta

no chuveiro elétrico

ou a desobediência

teimosa

uma mula

empacada em suas virtudes

sou um resistor

ou incoerente

fazendo frente

às registradas patentes

ou natureza bruta

plantando as rosas

reluzentes

de minhas inquietudes

UTOPIA OU ELEGIA

tanto que já fizemos
mais do que se fará
luz do mês de dezembro
quando nos for verão

muito que já vivemos
mais o amor trará
foz de algum sentimento
sempre de imensidão

não tem séde o futuro
a obra é de dia em dia
de noite e de madrugada
amadores sem fantasia

tanto que já vivemos
tudo que já fizemos
nos poderá um dia
ser alegria

Nydia Bonetti

1958, engenheira civil, Piracaia, SP. Publicada em 2012 pela Coleção Poesia Viva do CCSP, antologia *Desvio para o vermelho (Treze poetas brasileiros contemporâneos)* e pelo Projeto Instante Estante de incentivo à leitura, *Minimus Cantus*, Castelinho Edições. Livros publicados: SUMI-Ê 2014, Editora Patuá e De Barro e Pedra, 2017, Editora Urutau. Tem poemas publicados na Revista Zunái, Eutomia, Germina, Mallarmagens, Coletânea QASAÊD ILA FALASTIN (Poemas para a Palestina) Selo ZUNA;, Antologia Digital Vinagre - Uma antologia dos poetas neobarrocos, da antologia "29 de abril: o verso da violência" e revistas digitais diversas".



A memória é uma casa lotada

que já não me comporta.

Escrevo, antes que definitivamente

se tranquem as portas.

Sou nada do lado de fora

e dentro, as paredes ruíram.

Janelas enferrujaram e o teto estala.

As telhas estão trincadas

e copiosamente chove.

ALFARRÁBIOS XI

Era pra ter nascido árvore — ou pássaro, mas nasceu gente.
Em vez de pés, raízes. Em vez de braços, asas.

Vive então numa agonia que não cessa:
asas que se contorcem em busca do céu

enquanto as raízes se aprofundam — pois passa um rio
perto da terra em que nasceu.



Esta cidade se situa no centro de uma fenda no tempo.
Nas janelas
há vultos de mulheres tristes
vestidas de negro
que ouvem “purple rain” ao entardecer. — E os sinos
tocam
na torre da igreja que já ruiu.



Um rio amargo corre nas veias dessa gente
chamada ninguém.

Um rio de lava aos olhos.

— E a palavra incêndio tatuada no coração.

Cada vez mais parecida com meu pai
me sento à cabeceira da velha mesa e seguro o queixo com mãos.
(o gesto atávico)

Talvez para que ele não caia ao olhar o relógio da sala
carcomendo os instantes lentamente.

Depois respiro fundo e sorrio

ALFARRÁBIOS XI

quando um pássaro (que parece ser sempre o mesmo)
caminha inseguro em busca das migalhas (não sei se de pão
ou de tempo) espalhas pelo chão.



Talvez leve um buquê de cactos. E uma canção
de Leonard Cohen.

Quem sabe uma rosa

do povo

de Hiroshima

de Gertrud

de ninguém.

As flores do mal

as flores do bem. As flores

afinal, carregam — todas — a náusea de existir.



O dia escorrega das mãos feito um peixe

que mergulha na terra trincada

sem se saber

sobrevivente único

desse rio temporário

que acabou de secar.

Que todo dia seca sob o sol do tempo.

Que a vida é

esse deserto em expansão.

Que a noite se aproxima e é fria.

E com que olhos nos espreitam os chacais.

ALFARRÁBIOS XI

Algas marinhas flutuam nas águas de um mar
vermelho
— é tarde
um céu de cobre arde
e o sol mergulha.

Tudo é marinho agora — é noite
quase definitiva
neste ciclo finito da vida humana sobre a terra.



Agora sabe que aquele que ama e busca
habita seu corpo.

Por isso
mergulha
fundo
dentro
de si.

Fora é tão longe
_vertiginosamente se afasta.

[E a casa envelhece iluminada]

O que me angustia requer cisternas
de águas lineares.

Abro janelas: nenhuma sombra. Relembro
tempos de chuva e pés no chão.

Caminho em espiral. Observo o céu
enquanto

asas rumam ao oriente
sem me levar.

Dá-se então o fenômeno da insensata lua
antes do anoitecer
simultaneamente ao vermelho sol.



Extremos — é preciso tocá-los.

Depois do deserto é onde mora o vento.

— Ouve!

Fronteiras — invisíveis arames farpados.

Sentinelas em prontidão.

[e a guerra finda há séculos]

Há um cavalo solto, alado

em cada ponte que não se atravessa

e as flores agonizam.

Antiga sede de alguns olhos de água e terra
trazida nos sapatos

de outros cantos extremos.

— Vê! que tudo é terra — e canta!

Renan Santos



O pega-pega mitológico

Está na cultura popular que ao olharmos para as estrelas no céu estamos na verdade contemplando o passado , porém em termos astronômicos, este passado pode ser bem mais recente do que as centenas de anos-luz de distância que existem entre nós e a mais próxima estrela do universo .

Todas as noites quando olhamos para o céu com aquela vontade legítima de desvendar seus segredos, podemos perceber que ali existem várias histórias contadas pelos antigos que fazem uso do firmamento como se este fosse uma tela imaginária.

Uma das mais belas lendas mitológicas diz respeito à

perseguição infinita entre duas grandes constelações , Órion e Escorpião, pois elas jamais se encontrarão. Existem várias versões em torno do assunto , porém aqui vamos abordar o tema de uma maneira bem coloquial.

Trata-se de uma adaptação da lenda grega que envolve a luta entre o gigante caçador Órion e o temido Escorpião, que para além da beleza mitológica e poética do mito, a lenda constitui uma ótima referência para a localização destas constelações no céu .

No início de novembro já podemos ver a constelação de Órion formando um gigante com sua lança e seu cinturão. Como informação técnica, a estrela mais brilhante da constelação de Orion é Rigel, e é considerada a sétima estrela mais brilhante no céu. Está a 773 anos-luz da terra, e seu brilho é 40.000 vezes maior do que o Sol.

Poderoso, esbelto e atlético, ele se achava o máximo e pegava todas as deusas de sua época. Casou-se com a Deusa Side, a mais bela de todas as jovens da Grécia antiga, orgulhosa, se achava a mais poderosa das deusas e acabou morta , depois de provocar a ira de Hera , esposa de Zeus.

Sem mulher , Orion acabou pegando Mérope, a princesa do reino, que tocava a sua flautinha às margens de um rio e que tinha um pai extremamente rude que inventou o vinho, o rei Enópion, (seu nome, em grego, significa “o que bebe vinho”). A lenda diz que o pai da moça não gostava muito do romance do casal, embriagou o coitado , o cegou com uma espada e o expulsou do reino. Diz a lenda que com a ajuda de um menino que se sentou nos seus ombros e o guiou, conseguiu caminhar até ao Sol Nascente.

Como o cara era o pegador do Olimpo, a deusa da aurora o viu, apaixonou-se pelo jovem gigante e decidiu ajudá-lo. O cara era bom mesmo no assunto e sua nova amante conseguiu recuperar-

lhe a visão. Orion ficou alguns tempos com a deusa, mas os seus amores foram curtos e em breve partiu para novas conquistas. O cara era incansável !,...

O tempo foi passando Órion se tornou um excelente caçador . Não havia animal que lhe colocasse medo. Com a sua espada e a sua clava, orgulhava-se de conseguir matar qualquer animal que existisse sobre a terra. Orion também pegou Ártemis, que não queria muita coisa com ele.

Para encurtar essa confusa e passional história, um dia, quando o gigante passeava pelas terras de Delos, apareceu-lhe pela frente um escorpião gigantesco. Órion estava habituado a esmagar criaturas assim , mas este escorpião era maior que qualquer um dos animais que existia sobre a terra. Era maior que o jovem caçador e tinha uma carapaça que nem a espada de Orion conseguia penetrar. Aí aconteceu que os dois se pegaram e que o gigantesco escorpião, impenetrável à espada do caçador conseguiu aplicar-lhe um golpe mortal com o ferrão venenoso de sua cauda. Órion morre ainda com o escorpião lhe picando pelas costas quando Zeus apareceu.

Zeus, o principal deus do Olimpo, o rei dos deuses, ficou muito impressionado tanto com o poder do animal quanto comovido com o heroísmo do gigante vencido, aí resolveu mandar todo mundo virar constelação no firmamento, mas colocou-os em posições opostas , de forma que os dois inimigos pudessem estar nos céus sem nunca se verem.

Assim estão , quando a Primavera começa, Orion desaparece no brilho do Sol; quando o Outono aparece, o perigoso escorpião é engolido pelo horizonte do ocaso.

Para facilitar a identificação no céu, na constelação de Escorpião a estrela Antares é a que mais se destaca. Ela é uma

ALFARRÁBIOS XI

estrela supergigante Vermelha, de magnitude alta, e mais de 800 vezes maior que o nosso sol. Já a constelação de Órion, você já deve ter ouvido falar nas três marias, pois essas três estrelas formam o cinturão de Órion. Outra curiosidade é que a posição geométrica das três marias é exatamente igual a disposição geográfica das pirâmides de Gizé no Egito, mas isso fica para a próxima edição do Alfarrábios.



Renata Barcellos

pós-doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ e professora de escolas da rede de ensino pública do Rio de Janeiro e da UNICARIOCA. Sou associada ao Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos ☐ CIFEFIL - membro da Academia de Letras de Fortaleza ☐ ALAF - da Academia de Letras Paranapuã - ALAP ☐ da União Brasileira de Escritores ☐ UBE ☐ da Associação de jornalistas e escritoras do Brasil AJEB/RJ ☐ colunista do Portal Jornal Sem Fronteiras (<http://www.redesemfronteiras.com.br/>) e do Programa Encontro Marcado com a cultura na BAND AM 1306 (pauta Educação). É coautora da **Gramática contextualizada** (2016) e de antologias e autora de vários artigos acadêmicos e de livros como **Itens de análise linguística no novo ENEM e no Saerjinho**, de **Alma Dilacerada**, de **Barcellos em prosa e verso** e de **Barcellos e Viana: um encontro**.



A LITERATURA COMO INSTRUMENTO MOTIVACIONAL EM SALA DE AULA

Renata da Silva de Barcellos (CECA –
NAVE – UNICARIOCA)

“A educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida.”

(Sêneca)

“Os professores não têm futuro. Eles são o futuro. E, sobretudo, você...”

“Volte para dentro de si”. “Você encontrará na própria essência de seu projeto de ensinar as razões para não perder as esperanças nem no seu ofício, nem no mundo”.

(PHILIPPE MEIRIEU)

RESUMO

A problemática da (des) motivação nos diversos níveis de escolaridade tem sido o centro das discussões nos diversos encontros nacionais e internacionais de educadores. Com o surgimento da tecnologia, a relação entre os interagentes envolvidos no universo escolar também está mudando. O desinteresse constante do educando preocupa o meio educacional, permeia e compromete o “fazer pedagógico” do educador. O questionamento crucial surge: de quem é a culpa? Será mesmo que a desmotivação é oriunda do ambiente escolar e/ou da prática docente, da estrutura das escolas e/ou do avanço tecnológico? Assim, hoje, incessantemente, busca-se investigar os possíveis fatores da falta de interesse do educando para a construção do conhecimento. Mais, especificamente, as metodologias adotadas pelo educador e a utilização de recursos tecnológicos. O objetivo desta breve reflexão é apontar caminhos literários que levem à motivação com a utilização de metodologias mais adequadas.

Palavras-Chaves: educadores – educandos – tecnologia – motivação

I- A Literatura e a motivação na sala de aula

Desafios constantes os educadores têm enfrentado ao longo dos anos como violência verbal e uso do celular. Considerando o cotidiano da escola contemporânea, deve-se refletir sobre os aspectos inerentes às práticas do educador os quais motivam ou não a relação pedagógica. O que provocou a realização deste texto foi constatar a falta de interesse dos educandos a cada ano que passa, o relato de educadores no cotidiano e a angústia de muitos destes inclusive no **Primeiro Congresso Internacional de Literatura Brasileira**, em Salamanca, em novembro de 2018. Nas diversas temáticas literárias abordadas nesse belo evento, sempre mencionava-se a questão de como incentivar os educandos. Com participação de educadores portugueses também, pôde-se ouvir como as relações lá entre os portugueses estão similares às vivenciadas aqui no âmbito educacional. Vale destacar que houve a oportunidade de conhecer a unidade escolar José dos Anjos, em Cazarredo, norte de Portugal. A ideia é desenvolver um projeto literário sobre a escritora Maria Firmina dos Reis e o poeta visual Tchello d'Barros integrando os alunos brasileiros com os portugueses. Mesmo tendo sido uma rápida ida à escola portuguesa, constatou-se que existem práticas desenvolvidas lá na área de leitura. Haverá um concurso literário. O espaço da biblioteca é acolhedor, há computadores mas o acervo é pequeno ainda de obras.

No cotidiano escolar, observa-se que a desmotivação leva à falta de interesse, à desatenção, à inquietação e à frustração por grande parte dos educandos e, por consequência, do educador. Como uma das filosofias educacionais hoje é o de um ensino interdimensional (COSTA, 2009), com a aproximação mais estreita com a realidade vivenciada na escola e com os educandos, cabe investigar junto

a eles os fatores da falta de interesse. Conforme Moraes (2007, p. 02), quando se consegue fazer com que eles próprios assumam a função de questionar, observar, participar... a construção do conhecimento ocorre. Desse modo, pesquisar em sala de aula é envolver-se na formulação e na resolução de problemas dos grupos envolvidos, o que se torna uma estratégia de aprendizagem motivadora e eficaz na produção de resultados significativos e duradouros.

Sendo assim, precisa-se descobrir estratégias de ensino que os motivem. Para isso, Klebis (2010) destaca que a relação educador-educando é o grande motivador de mudanças. Se o educador sente prazer nessa relação, vai ser motivado, porque se comprometerá com aquela criança, aquele jovem. (...) o profissional deve ser comprometido com o seu ofício. E o educando percebe isso. Quando o educador gosta do que está fazendo, ele se torna extremamente fascinante aos olhos do educando. A metodologia adotada de ensino precisa ser revista e atualizada de modo a atender às demandas dos novos cenários da educação contemporânea.

Nessa perspectiva, a Literatura pode e deve ser uma área a ser explorada de forma diversificada em sala de aula. Principalmente, os movimentos mais contemporâneos como Poesia visual e a sonora. Relacioná-las com escolas literárias... Lá, em Salamanca, foi apresentado um trabalho realizado em duas escolas da Rede Estadual (CECA e NAVE) e da UNICARIOCA a partir da obra de Tchello d' Barros. A atividade consistia em os educandos realizarem um texto que dialogassem com o do poeta escolhido. As produções dele e as dos educandos foram apresentadas no congresso. No momento do debate, uma educadora declarou ter realizado um projeto com textos experimentais também e o resultado ter sido positivo. Foi muito produtiva a troca após a apresentação. Vale destacar que pode-se também propor a criação de jogos literários

de tabuleiro, leitura de clássicos em HQ, criação de vídeo com encenação de textos... Enfim, hoje, com os recursos tecnológicos, as possibilidades são inúmeras.

Cabe a cada educador observar o perfil de seus educandos e investigar de que forma pode alterar este atual cenário educacional da desmotivação. Uma sugestão aqui apresentada é pelo viés literário. É preciso nutrir o povo de cultura. Mostrar o homem no seu tempo, a expressão de seus ideais. Explorar o espaço da Biblioteca da sua unidade escolar. Se não tiver uma, criar ao menos um pequeno local para incentivá-los ao prazer da leitura. E, assim, finalmente, cativá-los através do hábito da leitura.

II- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Antonio Carlos Gomes Da, 2009. **Você é mestre quando aprende.** In: <http://revistapontocom.org.br/edicoes-anteriores-entrevistas/entrevista-com-antonio-carlos-gomes-da-costa>.

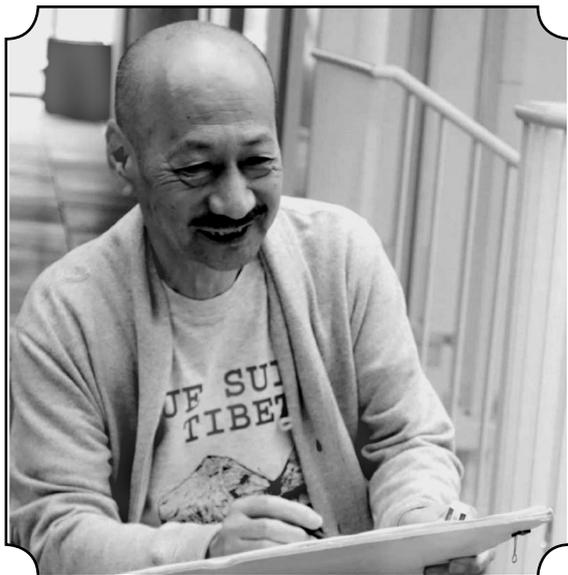
KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. **Escola conectada com a vida do aluno.** Revista Mundo Jovem, 2010.

MORAES, Roque. Participando de jogos de aprendizagem: a sala de aula com pesquisa. In: **Anais do VII Seminário Escola e Pesquisa um encontro possível.** Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, outubro de 2007.

MORAES, R. & Lima, V. M. R. **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos.** Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

SANTOS, Humberto. **A importância da pesquisa na escola.** Cogito, 2009. Disponível em: . Acesso em 15 de outubro de 2013.

Riosuke Cohen



O artista e professor de arte Ryōsuke Cohen (Kōen), nascido em 1948 em Osaka, Japão, é filho do poeta haicaísta Jyunichi Koen. Trata-se de um ativista cultural dedicado à criação e ações de difusão da Arte Postal no Japão e no Mundo. Suas imagens são um mix de figuras japonesas antigas e ícones contemporâneos da cultura pop, letras e números, poesia visual, retratos e imagens fractais. Entre seus projetos de longa duração, o mais conhecido é de arte postal “Brain Cell”, em que desde 1985 mantém milhares de membros em mais de 80 países, que trocam via Arte Postal seus cartões postais artísticos, bem como desenhos, carimbos, selos e todo tipo de imagens.

A peça gráfica (A3) que recebemos no RJ via Correios, é um dos típicos aglomerados de imagens com criações que lhe são enviadas por artistas de diversos países, pelo projeto Brain Cell.

braincell@k6.dion.ne.jp

Roberta Tostes Daniel

Carioca. Tem poemas publicados em revistas eletrônicas, tais como Mallarmagens, Zunái, Germina, Musa Rara, Diversos Afins, Estrago, Literatura & Fechadura, Incomunidade. Incluída nas antologias “Um girassol nos teus cabelos - poemas para Marielle Franco” (Quintal Edições/ Mulherio das Letras), “Desvio para o Vermelho” (CCSP), “Amar, verbo atemporal” (Rocco), entre outras.

Escreve no blog <http://sedemfrenteaoamar.com>

E publica fotos em:

<http://instagram.com/robertatostesdaniel>



A delicadeza improvável do carrasco
o hábito reprimido do voluntarioso
o anel do fascista
a mão nua de Francisco de Assis.

Por obra e graça da verdade desgovernada
Deus ou Samuel Beckett não compareceram
à jornada mundial das pequenas virtudes
convocaram Godot no seu lugar.

ALFARRÁBIOS XI

Sabe-se, Godot também se absteve
de, como se diz, prestigiar o ínfimo evento –
todo dia um homem passa vergonha
no que ele concordou, sem ponderar contradições.

Perto das faunas típicas do inconsciente, num casebre
Thoreau e Assis elogiavam Bachelard
por sonhar coisas fantásticas, como Chagall –
um é de pedra, o outro, floresta

disseram os dois últimos, também interlocutores.
Sonhando um sonho andante, realizam-se na carne
já não se sabe quem proferiu. Não como alguém que
tenha seu lado sombrio desvelado

ou se descobre, de repente, iluminado
mas por pisar firme as listras sinuosas do sol.

Sociologia

Prolonga-se desde o mastro
marxista, o tombadilho

condição de morte do movimento
sem a qual, porém, não há condução

superestrutura pungente da história
de avanços escravistas
ultramaresia cheirando a extermínio

onde o abissal não foi o canto das sereias
mas o monstro com a cara do progresso

retornando da anterioridade do homem
impossível, o rosto mais valente dos dinossauros

valia ter se perpetuado sobre nós
ele no seu próprio navio

carcaça imanente contra o asteroide.

No recanto desta sombra
qualquer coisa de muralha
que a quase tudo encobre
sobre o que precisa ser dito
com movimentos ritmados.
Sobre Rancière – as políticas da escrita.
Sobre, talvez, assumir um espaço
na comunidade: tomar parte no desvio.
Desviante, tocar superfícies desviantes.
Pele que anula a fibrosidade do papel
que assume possibilidades de pele.
Porosidade jamais murada
se adentra na dor de tecido vivo
muralha viva, pode ser, muralha que
caminha: com quantos buracos na cabeça?
Essa jamais hermética edificação
escorre inteira dentro desta sombra
onde, recostada, trago feito fumaça
antiga, deslocada. Somos, sim
os eflúvios uns dos outros.

Da gramatura de um céu
radical
da ancestralidade
dos polares
da vizinhança
das cores
das sementes
geminadas
de ser mais frágil
que eu, a te cuidar
do que não tem jeito
nem nunca terá
de um vento que retorna
à voz, obscuros
de ninguém
da sorte
do descanso
de saber respirar.

Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.

Parachques do fracasso

”Pera lá, mano! A guitarra quebrou, pô! Vou fazer o quê? Leva... Leva aí, aquele groove de baixo batera! Leva aí!”

O público se lixava. Nem se tocando para o meu drama. Já tava puto mesmo. Guitarra de merda, usada, comprada a 10 merréis ali na esquina. Queria o quê? Que funcionasse 10 anos? Tava puto sim. 15 anos de banda e ainda naquele ramerrão de showzinho em cidade de interior.

Detesto. Um bando de mauricinho brega. O filho do fazendeiro, o filho do advogado do fazendeiro, a filha do dentista do fazendeiro. Arghh! Uma carreira de toyotas enlameados de barro, na porta do clube, me afrontando. Nós, os artistas, naquele ônibus velho, de 1980, sei lá. Meio constrangedor, não é? Tava puto sim.

No começo até que foi legal. Todo mundo garotão, pai e mãe bancando aquela doce aventura, dando a maior força para o sonho dos pimpolhos, naquela conversa:

— “...Na pior das hipóteses os meninos se divertem. Melhor do que ficar aí pela rua, se drogando”.

Papo furado de mãe. Lógico! Bullshit de pai e mãe. Vai acreditar.

— ” Volta, porra! Volta pro palco, caralho!” – Gritava o Marcão, desesperado.

Que voltar que nada. A platéia estava odiando o som. Aquele esporro de PA de quinta categoria. De irritar surdo. Voltar para o palco? Eu? Qual é? Sem chance. Voltar é o cacete.

Dois marmanjos meio punks, meio bandidos, desses que curtem heavy metal mas que, na calada da noite, adoram mesmo é Leandro e Leonardo, começaram a jogar latinhas de red bull. Na trajetória do palco, uma bateu bem na minha testa. Ah! Não teve jeito, parti pra cima.

Algo espirrou em mim. A chuva de latas agora já era tempestade. O barulho delas, batendo no prato splash da bateria, era apenas mais um dos sons constrangedores daquele nosso espetáculo de erros. Quem foi que enfiou na minha cabeça que eu era um músico talentoso? Quem? Meu pai? Minha mãe? Nem lembro mais. Maldita platéia de mauricinhos. As latinhas agora eram jogadas cheias. Batiam na cara do Marcão e do Pirulito, uma, duas, três. Parecia aquelas barracas de parquinho de subúrbio, com a cara do palhaço levando boladas que, se acertadas, valiam um prêmio michuruca qualquer. Um maço de cigarros, uma bolinha de plástico, um saco de jujuba. Que situação.

O supercílio do roadie abriu. Coitado. Sem ganhar um puto. Largou a faculdade pra seguir a banda, há 5 anos, por amor e pra quê? Pra levar latada na cara? As latas batiam e o líquido escorria na

cara, na roupa da gente. Nem sei nem o que era. Cerveja? Podia ser mijo até, sei lá. Era como se eles cuspissem na gente. Cuspi também, com nojo.

Eu, Júnior, Marcão e Pirulito. Éramos quatro.

Desde o início da banda, o mais lúcido dos nossos pais era o do Pirulito. Assistiu a três ensaios, caladão, num canto. Pirulito teve vergonha de dizer que ele tinha sido músico. Baterista de bossa Nova, algum troço brega aí, dos idos de 1960. Imagina. Eu nem sonhava em nascer. Mas não.

Agora, olhando a cara de ódio do Gordão Punk, em cima do palco, me chamando pra briga, eu tive que concordar. O pai do Pirulito tinha toda a razão.

_ “Meninos se divertindo ...sem drogas”... Papo furado.

Bullshit de pai e mãe. Olha só pra nós. Quase trintões, trincadões de cocaína, cerveja, de cachaça com red bull. Bullshit de pai e mãe. As drogas éramos nós!

Aí, pronto. A porrada comeu solta. Os caras punks subiram no palco me carregando pelo cós das calças, como a um merda qualquer, dando porrada. Girei. Consegui jogar o cara para o lado da bateria, que toda desconjuntada, desabou. Plash! Splash! Prumcabragabum!

Júnior, o batera, se estabacou junto. Levantou e correu, fugiu para o camarim. Sumiu. Com o barulho, a platéia urrou feliz. Queriam mesmo é se divertir com a nossa desgraça.

Marcão, o mais sensível da banda, chorou. Tentou esconder mas eu vi, entre uma porrada e outra que o Gordão Punk dava na mi-

nha cara, eu vi, de relance, uma lágrima cortando o rosto dele.

Foi Marcão quem criou a banda, pensou a banda. O som. O visual. A proposta, tudo. Queria um lance assim, meio Seattle, de início. Punk Rock, cada vez vez mais Punk Rock, até se fixar numa coisa assim mais... ‘essência’, como ele mesmo dizia, vago. Parece loucura, total, mas, no início da banda, o sonho era mesmo se mandar para os States.

Tocar em Seattle, Memphis! Maluquice, presunção, mania de grandeza. Mas no fundo, esse papo de ‘essência’ era concessão mesmo. A gente sabia. Um troço assim Rock Brasil, meio barro meio tijolo, tipo embrulha e manda, visando um pouco o público, mas, principalmente, o mercado, ‘nacional’, é claro. Sabe como é? Senão – enfatizava Marcão – morreríamos de fome.

– ”Seattle? Que nada. Brazuca, cara! Cai na real. Você mal sabe pronunciar y love you.” –

Marcão falava, falava, com toda a convicção do mundo, já no final de uma reunião da banda. O pai do Pirulito, quieto no seu canto, olhava para o lado, disfarçando o muxoxo.

No final era isto mesmo que a gente deduziu. Era o papo que algum empresário caído arriou em cima dele, para descolar um percentual qualquer em cima da gente. E foi assim que saímos tocando por aí.

Uma porrada do Gordão, mal dada, fechou o meu olho. Abri bem o outro e acordei das lembranças. O Gordão me largou ali, meio desfalecido e partiu pra cima, logo de quem? Do Pirulito. Gente de Deus! Ele é epilético! Se cair do palco e se machucar, o pai dele vai acabar com a banda. De vez. Foi isto que me fez acordar.

Ou foi o som do baixo do Marcão que parou? Será que foi a falta daquele barulho roufenho que me acordou? O Punk Magrão havia chutado o amp do Marcão, com tanta força, que a caixa tombou no palco, rachada de cima a baixo.

Com um estrondo, misturado com o esporro do feed back, o amp, que era nacional, é claro, pifou. Porra! Não falo nem a marca pra não queimar o filme do fabricante, mas, bem que merecia. Negou patrocínio pra banda mil vezes. Tivemos que comprar a merda do equipamento à prestação.

O pai do Marcão, gente boa, empresário no ramo de imóveis, foi quem deu a entrada. Suamos vinte e cinco shows para pagar. Mas, agora, que se dane. Acabou. Pronto. O amp quebrou. Nem sei se vai ter concerto.

E a porrada comendo. Solta. Olhei para o lado e vi o Gordão Punk imprensando o Pirulito na coxia. O público, urrando, na farra, nem via que o Pirulito podia até ser morto ali, naquele canto escuro. Foda-se. Nem pensei. Peguei o extintor de incêndio e disparei na coxia. Na cara do Gordão Punk. Com raiva. Pirulito ali, como os olhos revirados, babando, aquela baba espessa, não sei se do extintor ou da epilepsia (engraçado. Pensei nisso agora. Será que me enganei? Foda-se).

A fumaça do extintor esguichando. Aquele chiado estridente e pronto: Pânico! A platéia maldita se desesperando. Olhei excitado, sádico. A casa estava lotada. Bombada. Estourada de gente. Foi a minha redenção. Vingança. Foda-se.

— "Incêndio! Incêndio!" – Gritaram as patricinhas histéricas e os mauricinhos cagões.

Meu celular tremeu no bolso. Como é que ia atender no meio da

confusão? Pedia licença aos punks, às patricinhas históricas e aos mauricinhos cagões? Pedia silêncio á turba maldita para poder atender ao celular? Não. Melhor olhar o display. Pra quê? Tremi. Ai meu Cristo! Minha mãe! Aí...Pum! Foi o tempo de desviar as costas.

O extintor, tomado de mim pelo Gordão Punk, bateu na minha cabeça em cheio e caiu no palco, esguichando, de novo, espuma pra todos os lados. Só que, de repente o chiado parou. Subitamente. Só me lembro de ficar ouvindo uma musiquinha. Longe.

Não vi. Dizem que depois que eu caí, o gordão pegou meu celular e pisou, pisou, com toda vontade. O bicho não quebrou assim, logo. Ainda ficou tocando aquele toquezinho fresco, uma musiquinha do Mozart, que eu escolhi, de bobeira, só por que me lembrava de quando eu era neném. Fiquei calminho de repente. Relax. Achei que era a musiquinha. De repente, nem Mozart nem nada. Silêncio.

Quando acordei de vez, olhei para o lado e vi o Marcão, sentado no palco, meio zozzo, olhando para o amp quebrado, desolado. Pirulito sumira. Ah, não! Logo me deparei como ele ali, sentado no chão do salão, atendido por um enfermeiro com o guarda pó ensebado, suadão. Que alívio. Não tinha tido ataque nenhum. A espuma na boca tinha sido do extintor mesmo.

O salão do clube vazio. Pra andar, tentando arrumar as idéias na cabeça e lembrar a história toda, tive que desviar das pilhas de latinhas, de copinhos de plástico, de seringas do pico dos punks, aqui e ali de umas camisinhas, calcinhas, um nojo só. Olhei pra cara do dono do clube, nosso contratante.

Gelei, desanimado. A cara dele estava tão feia, mas tão feia que

logo vi. Nada, nem sombra de cachê à vista. Demorar muito por ali era até um risco. Ele podia ter a brilhante idéia de nos cobrar o prejuízo. Cobrar do meu pai ou, pior ainda, da minha mãe. Que sufôco.

O telefone do Marcão tocou. Achei que era o meu. Não era, mas, a ligação sim, era mesmo pra mim.

_ "E aí mãe? O que foi?"

_ "Nada, filho? Teu telefone só dá desligado ou fora de área... E o show? Como foi?"

_ "É mãe. Maneiro. Deixamos nossa marca. Agora nós somos um sucesso por aqui".

Não precisava nem falar, entrar em detalhes. Ela sabia entender a voz do filhão. 15 anos botando panos quentes nos meus fracassos. Me bancando. Até se divorciou do meu pai por causa de mim. A pensão alimentícia, o velho já parou de pagar faz um tempão. Sou quase um trintão, lembram? Na hora das dificuldades, nos mudamos pra Bangu. Mas ela segura minha onda. Sem reclamar. Sabe como é? Mãe é mãe, certo?

Espírito Santo

Rio de Janeiro, Maio 2007

Susy Savedra

Susana Savedra é Susy Poesia Savedra.

Poeta, atriz, modelo vivo e educadora infantil.

Susy solta seus versos que a alma não pode esconder. Mais romântica que lírica, e sempre simbólica, caminha entre o conhecimento e a espontaneidade.

Participou de três coletâneas brasileiras de poesia—“Lar”, “Baseado na estrada”, “I Concurso Internacional de Poesia da Casa de Espanha”—, além do E-book português “Natureza” e o brasileiro “Antologia do Concurso Adaauto Borges”.

Em 2014, obteve o prêmio como melhor intérprete do I Concurso Internacional de Poesia da Casa de Espanha com o poema “A lua, o profeta e a meretriz”, e também em 2016, com o poema “Aquela palavra”, promovido pelo Cederj, de Nova Friburgo. Também possui poemas transformados em música: “Deus está sorrindo” em português e “Instrumento”, em espanhol.

Acredita na integração latinoamericana, estuda Letras, colaborou pra sites de entretenimento e cultura e atua em eventos, teatros e ateliers de Belas Artes.

Em 2017 lançou seu primeiro livro solo, intitulado “Desnuda”.



Estrangeira

Quando a bandeira se esconde atrás da árvore
E alguém chora pelo mais tardar dos beijos
na primavera que não veio
O desejo se converte em risco
Meus desejos escondidos...
Ainda tão tímidos!
Posso vê-los no espelho quebrado
Consertado para lembrar um passado que regressa
E de pedaço em pedaço, o risco do beijo
E de beijo em beijo,
Um espelho ao contrário
Reflete o presente cheio de adeus
E de canções que não podem levantar este mastro febril
Que me fez chorar



Aquela palavra

Que difícil é encontrar a palavra certa!

Que difícil é saber de qual expressão,

com exata ou inexata exatidão, o mundo precisa

Eu juro que tentei, alimentando aquela palavra desperta

Com todos os circunflexos alertas

Vírgulas que transcorriam dos meus dedos buscando seu espaço
no mundo

E aspas que não queriam ficar

Aquela palavra possui reticências nas entrelinhas

E possui entrelinhas sem reticências

Além do mais, aquela palavra tem um amor casual
com o ponto final

E se embriaga, quase se suicida quando ele não quer vir

Termina flertando com o ponto de interrogação

Mas todas as tentativas me serviram para adornar aquela palavra
que não é fútil

Ela é leve, é livre, é solta

Porque a minha palavra eu alimento de Poesia

Miragem de porcelana

Cai um cisco da sorte deslizando em uma estante

Adornada por porcelanas

Cito um verso meu

E ao fundo ouvimos Santana

Som de Santana em um santuário

Sou tua santidade

E você é meu salvador

Meu salvador necrófilo

Em meio a pedras

Em meio a porcelanas e melodramas

As melodias são frequentes

No meio da miragem que você me deu



Girassóis de Fênix

Minha aspiração exacerbada

De querer ir ao céu

Em uma casinha coberta de folhas

Arqueada

Enforcada

Por anjos sem harpas

Produz intelectualmente

sua face que abrange todos os níveis já existentes da perfeição

Perfeição que se apodera de minha mente

Fênix te visita

Mutuamente há afeição

Miolos de girassóis caem sobre seu corpo

molhado pelo mar

Saudado pela aurora

Que nos aguarda se os anjos puderem voar sem suas harpas

Aurora nos espera

Com seus discos de vinil intactos e amoreiras para nossas refeições

Amora torna-te terno

ALFARRÁBIOS XI

Amora do amor de outrora

Fênix te visita

Fênix despede-se de mim

A casinha voa

folhas secam

Anjos tocam

girassóis nascem de suas mãos

A luz de seus olhos ofusca olhos dos demais

Nas ondas que hão de perecer

Na aurora do meu paraíso



Tânia Ribeiro Roxo

Tânia Ribeiro Roxo é jornalista, poeta e apaixonada por fotografia. Foi premiada na categoria Poesia, no II Festival de Contos e Poesias do CLARON, em 2016. Teve o poema ATO DE DESESPERO incluído na antologia GRITOS CONTIDOS, em 2017. Desde agosto de 2016 organiza eventos literários em Niterói, através do projeto Literatura na Varanda.



PAIXÃO PELA ARTE DE ESCREVER E FOTOGRAFAR

Como foi importante ter tido uma infância como a que eu tive. Não foi perfeita, claro. Mas acredito que essa fase preciosa teve uma grande importância no que diz respeito ao desenvolvimento da minha criatividade.

Lembro que o meu pai fazia questão de me levar ao teatro. Costumávamos assistir a peças da Bia Bedran e do Grupo Papel Crepom (ícones do meio teatral na nossa cidade na década de 70). Eu adorava. Aquela atmosfera artística me atraía muito. Foi através do contato com a arte teatral que pude desvendar o mundo lúdico. A arte nos transforma. Sei disso há muito tempo. Mas só quem a exerce tem condições de perceber de fato essa transformação.

Lembro-me dos passeios que meu pai fazia comigo e com a minha irmã pelas ruas tranquilas do bairro de S. Francisco na década de 70 e 80. Naquela época era seguro caminhar a pé por ali. Não havia assaltos, nem sequestros-relâmpago. Não se tinha notícia de tiroteios entre policiais e bandidos.

Durante os passeios ele comentava sobre os estilos arquitetônicos das casas, nos mostrava árvores e flores exóticas, parava para admirar os formatos engraçados das nuvens no céu, enfim: abria um leque de opções que foram (com o passar do tempo) ampliando o meu horizonte.

Aprendi a observar e a contemplar. Graças a essa forma de ver o mundo, descobri a minha paixão pela poesia. Tinha diários que não acabavam mais. Adorava escrever. Ficava horas registrando pensamentos, sentimentos e emoções no papel, na fase da adolescência.

Foi bem cedo que também me deparei com uma outra paixão tão intensa quando a de escrever, que é a de fotografar. Lembro ainda em criança eu fotografando com uma câmera em P x B. Acho que a primeira vez que fiz uma fotografia eu tinha uns 7 anos de idade. Foi numa pracinha em Nova Friburgo (RJ).

Fotografar era algo mágico, desafiador, instigante. Sempre me senti atraída por fotos. Talvez porque me sentisse capaz de eternizar aquele instante. Era algo tão raro. O meu olhar foi amadurecendo com o tempo. Tudo me inspira: paisagens, pessoas, animais, pôr do sol, detalhes.

ALFARRÁBIOS XI

A arte fotográfica é sedutora. Ela nos permite viajar por espaços nunca imaginados. Às vezes olho uma paisagem e imagino fotos que poderiam render dali. São fotos mentais que toda pessoa que ama fotografar faz sem nem se dar conta. Quem tem essa arte como hobby sabe do que estou falando. Eu “fotografo” o tempo todo com o olhar.

Enfim, posso dizer que minha infância foi uma fase importante que contribuiu muito para que eu pudesse adquirir um outro olhar. E acho importante que toda criança tenha essa oportunidade. Dessa forma se tornam adultos com capacidade de pensar, observar, contemplar, criar etc.



Tchello d'Barros

Neste 2018 o artista multimídia Tchello d'Barros comemora seu jubileu de prata de dedicação à Arte e à Cultura. Desde 1.993 que sua trajetória nas linguagens de Literatura, Artes Cênicas, Artes Visuais e Audiovisual vem sendo pontuada por textos publicados em mais de 50 livros e obras visuais que participaram em cerca de 150 exposições no Brasil e Exterior. Já no segmento da sétima arte, são cerca de 50 contribuições na condição de roteirista, diretor e fotógrafo de stil. Além de coordenar a exposição individual. itinerante e retrospectiva de Poesia Visual “Convergências”, tem apresentado em diversas instituições sessões com seus filmes, além de ministrar oficinas literárias.



Foto-divulgação por Vanessa Angelo

Conceito da série “Rostografias”

As infogravuras da série “Rostografias” são um exercício da antiga e nobre arte do desenho, no caso de retratos, sendo que as imagens inicialmente fotográficas – todas na Internet - dos rostos, são desenhadas pela observação, manualmente. Após, há um procedimento de escaneamento da figura desenhada, e finalmente é adicionada uma ação em software de vetorização, criando assim uma leitura digital da imagem, diferente daquela manual. Finalmente, a imagem resultante é ‘devolvida’ à Internet, via blogs, sites e redes sociais. Para esta série, foram escolhidos retratos de pessoas que pela palavra – prosa, poesia, canto – difundem com seu fazer artístico aquilo que chamamos de fenômeno poético..

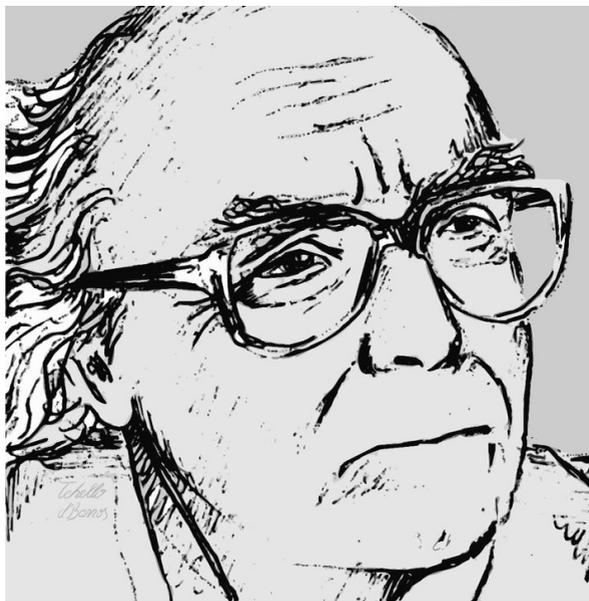
De acordo com o poeta e jornalista Tanussi Cardoso (RJ), “Tchello d’Barros é, hoje, um dos maiores expoentes das artes visuais deste país: inteligente, criativo e poético, acima de tudo. Nada é por acaso em sua obra. Nada sobra ou falta. Consegue ser, ao mesmo tempo, racional e emotivo, e esse equilíbrio é o alicerce de sua obra. Lúdico, lírico e crítico audaz, mordaz, agudo.

Título da série: Rostografias

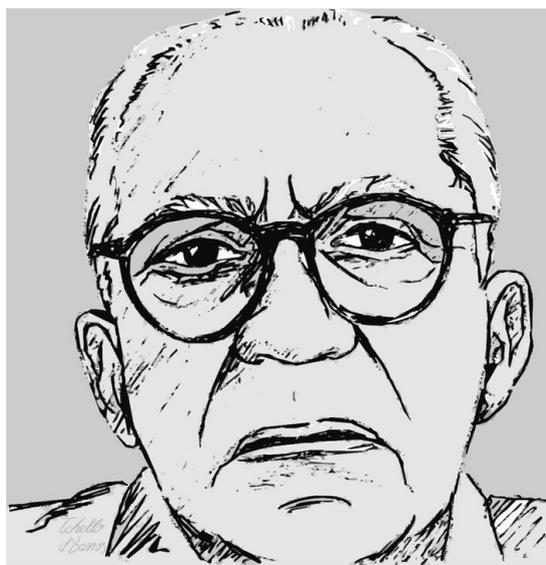
Autor: Tchello d’Barros

Técnica: Gravura digital / Infogravura

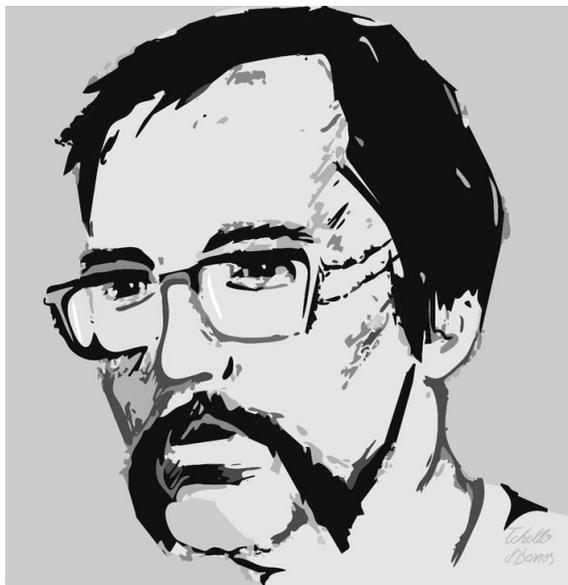
Dimensões: 100 x 100 cm



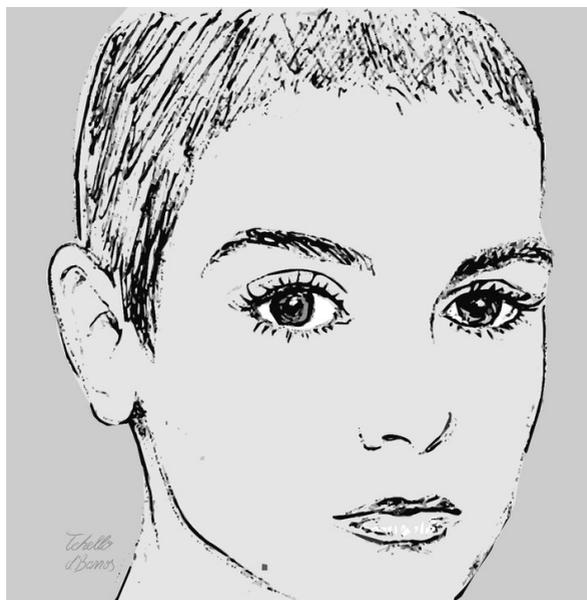
Escritor José Saramago- por Tchello d'Barros



Poeta Lêdo Ivo - por Tchello d'Barros



Poeta Paulo Leminski - por Tchello d'Barros



Cantora Sinead O'Connor - por Tchello d'Barros



Escritor Carlito Lima - por Tchello d'Barros

Tchello d'Barros

(21) 9 8354 1978 Tim

tchellodbarros@yahoo.com.br

FB: Poesia Visual / Visual Poetry - Tchello d'Barros

Rio de Janeiro (RJ) Brasil

Thina Curtis

Thina Curtis iniciou sua experiência artística ainda na juventude, na cidade de Santo André acompanhando desde cedo o desenvolvimento cultural da cidade e depois de SP.

A paixão pelos fanzines e quadrinhos surgiu antes, o pai tinha uma banca de jornal e foi ali que a paixão pela leitura floresceu.

Professora, arte educadora, poeta, fanzineira e ativista cultural, É Idealizadora e a Coordenador Geral do evento itinerante Fanzinada, evento focalizado nos Fanzines, Publicações Independentes & Artes Integradas foi indicada 2 x na categoria melhor evento de publicações pelo Troféu HQ Mix em 2013 e 2017.

Em 2017 ao lado de Fabi Menassi ganharam o 33º Troféu Angelo Agostini na categoria melhor Fanzine de Quadrinhos com o Café Ilustrado (fanzine de poesias Ilustradas).

Em abril de 2018 foi Homenageada com Troféu de Honra ao Mérito pela Biblioteca & Gibiteka Prof, Max Zendrom (Barueri)

É uma das responsáveis pela criação do Dia Nacional do Fanzine, e tb a primeira a comemorar o Dia Internacional dos Fanzines no Brasil.

Tem desenvolvido um trabalho relevante na descentralização da produção cultural e na democratização dos acessos a cultura, viabilizando a circulação de grupos nacionais e internacionais através dos Fanzines



ALFARRÁBIOS XI

Também sou um texto

Me escrevo e reescrevo diariamente

Sou texto, sou palavra

Que através do silêncio fala

Às vezes de forma agitada as vezes de forma atenua.

Observadora sagaz analisando

Perco-me no tempo e espaço

Encontro-me na correria

Embora vivenciamos um mundo ímpio

Ainda busco forças nas folhas de inverno que caem adornando os dias

E revigorando para mais uma primavera...

Assim é a vida

Ciclos, palavras, registros, memórias e estações...

08/08/2013



ALFARRÁBIOS XI

Fuligens, labaredas, poeira

Céu com toques de vermelho e laranja, crepúsculos cinzas

E de neblina e fogo alto

È Capuava que em chamas ilumina este lado de cá

Inspiração sintética

É a Petroquímica e sua poligem

Que jaz o Jd Santo Alberto

Aquele de outros tempos

De comer amora e pitanga nas ruas

De brincar de bola

Depois da escola

Escutar Punk Rock

Escrever Poesia

No silêncio da madrugada, skate or die, grafite colorindo os muros

Santo André em transe

Em colapso

A cidade industrial

Mergulho nos teus abismos, suas praças

Ruas e vielas

Aprecio através da janela e das minhas memórias

É onde nasci, cresci e fixei moradia
Lembranças, recortes e colagens,
flamas do tempo e concreto
Agora
que me consome.

[Thina Curtis]



Gothan City

Natureza morta
Na cidade industrial
Zumbis vagueiam
Cyber-homens conectados no universo digital
Homens destroem a mãe natureza
Tudo cinza
Paisagem de concreto
Pela noite adentro
Ainda sinto a noite como um ritual
A loba que habita em mim
Arde em chamas

Vagueia

Noites e noites

Madrugas adentro

Labirintos e tempestades em mim.

[Thina Curtis]



Poema Epitáfio

Epitáfio de uma poeta marginal

Aqui jaz um corpo em decomposição

Vítima de falências múltiplas

No peito apertado fortes angústias

Sofria de coração e alma

Tinha esperança

Sufocou-se

De sonhar embriagou se

Lutou com as armas que podia

#partiulutar

#partiuserfeliz

#pariu

ALFARRÁBIOS XI

E assim a vida se esvai

Neste epitáfio jaz uma mulher menina

Com saudades de um tempo que se escoou

E transformou o amor em dor

A flor em espinhos

Sobraram as rochas pelos nebulosos caminhos

Palavras ao vento

Noites em relento

Eternizou-se Profeta

Aqui repousa em silêncio

Aquela que sonhou acordada de punhos cerrados

Abraçando a Poesia.

[Thina Curtis]

20/12/18



Wanda Monteiro

é uma amazônida, nascida às margens do rio Amazonas, no coração da Amazônia, em Alenquer no Estado do Pará, Brasil. Reside há mais de 30 anos no Estado do Rio de Janeiro. Com várias obras literárias ainda não publicadas, participa, como colaboradora, de vários movimentos culturais de incentivo à leitura, em várias regiões do Brasil. Wanda Monteiro publicou dezenas de seus textos poéticos nas Antologias Poesia do Brasil do Proyecto Sur Brazil, participando dos volumes IX, XI, XIII, XV. lançados no Congresso Brasileiro de Poesia no Rio Grande do Sul.

Recentemente, realizou produção editorial, em parceria com a Professora e Escritora Deolinda Nunes, da organização da coletânea SETE Feminino de Luas e Marés que reúne 30 escritoras de várias regiões do Brasil - uma obra que revela a voz feminina na produção literária no Brasil.

Obras publicadas: O Beijo da Chuva, Editora Amazônia, 2009, poesia; Anverso, Editora Amazônia, 2011, Poesia; Duas Mulheres Entardecendo, Editora Tempo, 2011, Romance escrito em parceria com a escritora Maria Helena Latini; Aquatempo – Sementes líricas, Editora Literacidade, 2016. Poemas



ALFARRÁBIOS XI

Somos um frágil equilíbrio de vida - líquida e efêmera - ancorada no olho do sol.

há quem diga do corpo - de sua concretude
mas o que há é liquidez
mais de mil partículas - mil núcleos - mil esferas
fluindo nesse rio andante
na disputa e na defesa
pelas mesmas artérias - mesmos veios
numa permanente luta de vida e morte

há uma força que lhes une e desune
lhes funde e aparta

o rio esse denso corpo que mergulha em si
pesado demais para chover
precipitar-se no ar

o corpo esse rio de sal e sangue
lento de correr que mal sossega - mal respira
ilhado de vento e vazio

há quem diga do corpo
de sua agudeza em mirar
mas o que há é miragem
centrífuga ilusão de ser
a refluir no verbo

o corpo é esse rio
cuja nascente e foz
disputam a força
o espaço

o tempo e as profundidades
no centro de um coração



O poema se escreve com sangue-tinto. Corre em labirinto de vertentes - onde habitam os sentidos. Verte para ceder à sede do verbo. O poema se escreve com esse incandescente vermelho, aceso na veia da palavra. Ele corta, fustiga, amalha, elege e recolhe. Depois de ferir o poeta, salta da página para atingir o leitor.



o poema
de dentro da pedra
encara
medra
provoca
extirpa os sentidos de suas raízes
corporifica-se
na exata imagem
atravessa a retina
fragmenta-se na inexata existência

fora da pedra
o verbo acautelado de nascer
petrifica-se ante o indizível de seu olhar

sobre o mar
o voo das marias
asas adentram a vertigem do azul
o canto de seu voo irrompe o silêncio
na dobradura da onda
no exato quando
de seu vago tempo
na inexata dança

na inteira pausa do movimento

à luz da estrela
embainhada pelo fio do poente
o poema nasce
deita na areia e fica lá
) por ínfimo instante (

sequioso de olhos e sentidos
incapaz de rasgar a rede que os prende
na mínima tela de liquido cristal
o poema sequer forceja ao vento
o mesmo velho vento
a voltar da antiguidade
para modelar a areia

desertor
o poema comete suicídio
morre afogado de água
sal
e
indiferença

sobre o mar
o voo das marias
asas adentram a vertigem do azul
o canto de seu voo irrompe o silêncio
na dobradura da onda
no exato quando
de seu vago tempo
na inexata dança

na inteira pausa do movimento

à luz da estrela
embainhada pelo fio do poente
o poema nasce
deita na areia e fica lá
) por ínfimo instante (

sequioso de olhos e sentidos
incapaz de rasgar a rede que os prende
na mínima tela de liquido cristal
o poema sequer forceja ao vento
o mesmo velho vento
a voltar da antiguidade
para modelar a areia

desertor
o poema comete suicídio
morre afogado de água
sal
e
indiferença

Winter Bastos

Autor do livro de crítica literária “Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto” (Editora Achiamé, 2005). Recebeu menção honrosa no IX Conc. Municipal de Conto – Prêmio Pref. de Niterói (2011); menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura (2013); 1º lugar (em 2016) e 2º lugar (em 2017) no Festival de Contos do Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói; 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos de Terror. Faz o fanzine O Berro (oberrofanzine@gmail.com – caixa postal 100.050, Niterói, RJ, CEP 24020-971).



CONTO

GANHOS

(por: Winter Bastos)

Mal Joel abriu a marmita, o celular tocou.

– Alô. Dá pra trazer aquela parada hoje?

– Beleza. Pode ser às sete?

– Fechado, Joel.

Até a saída do expediente, achou melhor deixar o celular desligado.

Os dois se encontraram em frente à birosca ao pé do morro.

Transação ligeira. Joel se despediu tranquilo:

– Quando precisar tamos aí, valeu, playboy?

Depois que saiu do trabalho, só teve tempo mesmo de passar na boca de fumo para buscar a encomenda antes de descer de novo.

Boa complementação de renda. Aproveitou e pegou também um do branco pequeno, mais o fino de sempre para fumar mais tarde. Já até imaginava:

“Pô esse deve tá show que nem o outro que eu curti lá no baile pancadão semana passada com a galera toda quebrando de ladinho muito doida no meio daquele fumacê de gelo seco acendendo e apagando colorido...”

– Falei com você, neguinho.

– Hein? Coé?

– Vê lá como fala com polícia, moleque. Cê tá doidão, é?

– Até que inda não – respondeu sem pensar.

Um tapa do policial estalou na cara de Joel.

O baseado foi encontrado junto com um pacotinho de pó durante a revista. Respondeu processo em liberdade. Mas, na sentença – condenação por tráfico: “A baixa capacidade econômica do réu, por si só, afasta a possibilidade de se tratar de substância para consumo próprio”.

* *

*

Quando saiu da prisão, não tinha mais o emprego de office-boy. Nem podia mais pagar o cortiço onde dormia. Foi morar num quarto nos fundos do quintal do ex-cunhado crente, que só aceitou a situação por dever religioso. Procurou trabalho, e nada. Só não passava muita fome porque um grupo de pessoas oferecia sopa de madrugada. Aconselharam Joel a procurar a igreja deles.

Os sermões eram bons. O pastor Rômulo não falava palavras difíceis. Quase todas as frases ele terminava com uma interrogação curta: “Aleluia, irmão?”, “Então glória?”, “Amém?”. Os fiéis respondiam juntos: Aleluia!! Glória a Deus nas alturas! Amém, Senhor! Aquilo era um bom passatempo, um jeito de não ficar louco, que fazer nada enlouquece mesmo, pensava Joel, sem família, emprego e coisa nenhuma.

Se conseguisse um dinheiro forte, poderia comprar uma barraca de pipoqueiro e trabalhar em frente ao colégio estadual. Ali no morro não vinha fiscal da prefeitura pra arroxar camelô. Daria para tirar um troco bom. Mas a grana inicial de onde viria?

Crime coberto pelo sucesso que vem depois não tem como envergonhar ninguém. Só um rolo, unzinho, e logo viraria homem de bem, com barraco próprio (ou alugado, vá lá), mas sem precisar pedir sopa na rua, nem piedade pra ex-cunhado corno. Pensou no tráfico. Mas era o tipo de coisa difícil de se desvencilhar depois. Ser aviãozinho por conta própria, como fazia antes, só daria dinheiro miúdo, pouco pra comprar uma barraca de pipoca decente.

Alugou um 38 no tráfico. Agora não tinha jeito. Ou fazia um ganho pelo menos pra pagar o aluguel da arma, ou estaria morto.

A ideia do serviço grande, “unzinho só”, acabou ficando de lado, pois – maior o serviço, maior a dificuldade, o risco, o cagaço. Descia, assaltava umas patricinhas e voltava. Seu dia a dia era assalto a semana toda e igreja nas horas vagas.

Começou a economizar, não muito, pois uma parte ele tinha que gastar com roupa: ninguém acha que gente bem vestida é ladrão. Havia outro problema para juntar recursos e começar a vida de empresário da pipoca – quase não se andava com dinheiro na cidade. Só tinham o cartão bancário na bolsa. Celular e relógio não rendiam nada na revenda. Assim ele começou a se especializar em roubar velhas em saída de banco, coroas acostumadas a só usar dinheiro vivo. O problema é que ele se sentia mal fazendo aquilo: lembrava a avó falecida. “Essas branquelas não tem nada a ver com minha vó, pô. E esse dinheiro não faz falta pra elas”.

Um dia, uma velha mirrada soltou um grito ao ver o revólver e Joel lhe deu uma baita coronhada. Puxou a bolsa da mulher caída.

A voz do pastor ressoou a noite inteira, ecoando dentro da cabeça do assaltante: Xô Satanás sai desse corpo que ele não te pertence vai de retro que o sangue de Cristo tem poder aleluia irmão amém Jesus.

Joel parou de roubar. Passou a ir ao culto todos os dias e não só aos domingos. Não tocava no dinheiro do demônio, guardado numa velha caixa de ferramentas, trancada com cadeado. A mulher tinha tido traumatismo craniano.

– Pastor Rômulo, não aguento mais esse peso, essa culpa. Vi no jornal: a velha morreu, aquela que estava em coma. Fui eu que dei a corohnada nela.

– Não existe pecado grande ou pequeno pra Deus, é tudo a mesma coisa. Jesus lava tudo do mesmo jeito.

* * *

Já fazia muito tempo que Joel não pisava em botequim. Só entrou ali mesmo pra se proteger da chuva. Sentou numa mesa no fundo. Sem dinheiro para pedir refrigerante, nem nada, arranjou um canto escondido em que o dono não viesse reclamar. Daí viu dois rapazes conversando na mesa ao lado. Estranhou ver que bebiam cerveja, porque ele já os conhecia do culto.

– Oi, tudo bem. Como é que vocês estão? Aquele dia fiquei impressionado com o pastor conseguir tirar o demônio de vocês. Glória a Deus! Se livraram de vez do coisa ruim, né?

– Opa, Joel, tudo beleza! Ah, o irmão Rômulo só pediu para a gente fazer de conta. Deu um dinheiro legal. Ele sempre faz isso.

– Comé que é?!!

* * *

Joel apontou o revólver pro pastor:

– Me devolve agora aquela bufunfa dos assaltos, pilantra.

– Tá no banco, irmão.

Aquele desgraçado estava merecendo era um tiro bem no meio dos olhos.

Depois que saiu da casa do pastor Rômulo, Joel se refugiou no quintal do ex-cunhado. Do quartinho, ouviu um polícia gritar:
– Ou você se rende ou morre. Joga o revólver pela janela.

*

*

*

- Coitado do irmão Rômulo.
- É mesmo.
- Ele que ajudou tanto o Joel.
- Verdade.
- Não merecia essa ingratidão.
- Pois é.

O culto seguia emocionante, mas o que mais impressionou foram as palavras piedosas do pastor Rômulo mesmo depois de ter sido roubado pelo ex-fiel:

- Temos obrigação de perdoar. Vamos todos visitar o irmão Joel na prisão, amém?



“Ganhos” foi premiado, em 2018, com o sétimo lugar no IV Festival de Contos do Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói (CLARON). Winter Bastos é ainda autor do livro de crítica literária “Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto” (Editora Achiamé, 2005). Recebeu menção honrosa no IX Conc. Municipal de Conto – Prêmio Pref. de Niterói (2011), tendo seu texto incluído em antologia publicada pela Ed. Niterói Livros; menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura (2013), resultando na publicação de seu conto em antologia publicada pela EdUFF; 1º lugar (em 2016), 2º lugar (em 2017) no Festival de Contos do CLARON; 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos de Terror (2018). Faz

ALFARRÁBIOS XI

o fanzine O Berro (oberrofanzone@gmail.com – caixa postal 100.050, Niterói, RJ, CEP 24020-971). Mantém o blogue Expressão Liberta (www.expressaoliberta.blogspot.com.br). Tem coluna no tabloide cultural Diário da Poesia. Escreve na revista Contra Legem e no jornal político-cultural Transversus. Publica críticas literárias mensalmente na página eletrônica Homo Literatus (<https://homoliteratus.com/>).

